



PARA O ABRIGO

Histórias do Médio Oriente sobre
como encontrar força, coragem
e esperança em Deus

Kay Browning

Ninguém sabe o rumo que a sua vida irá tomar, nem nós sabíamos que o nosso caminho iria convergir com vidas encantadoras e amorosas numa área difícil do mundo – o Médio Oriente. Durante os nossos anos ali, aprendemos como é importante encontrar um lugar de abrigo para os tempos difíceis. Quando a primeira edição deste livro foi publicada em 1997, os abrigos a que nos referíamos eram igrejas onde as pessoas podiam encontrar refúgio da guerra e do conflito.

Hoje, essas mesmas igrejas tornaram-se centros de esperança e ajuda para os perdidos, os refugiados e os cansados dentro do contexto do Médio Oriente. Os nazarenos ali providenciaram um exemplo maravilhoso de como caminhar pela vida naquela zona difícil do mundo. Nós testemunhámos de vidas que foram preenchidas com fé, confiança e graça num ambiente caótico e às vezes hostil. As suas histórias lembram-nos que Ele nos encorajará, guiará, ajudará e protegerá. Ele é o nosso abrigo e rochedo forte (Salmo 27:5).

—Kay Browning

**MISSÕES
NAZARENAS
INTERNACIONAIS**

ISBN 978-1-56344-029-8

90000



9 781563 440298

PARA O ABRIGO

Histórias do Médio Oriente sobre
como encontrar força, coragem
e esperança em Deus

por Kay Browning

PARA O ABRIGO

Histórias do Médio Oriente sobre
como encontrar força, coragem
e esperança em Deus

por Kay Browning

Missões Nazarenas Internacionais

Copyright © 2020
Nazarene Publishing House

ISBN 978-1-56344-029-8

Design da capa: Darryl Bennett
Design de interiores: Darryl Bennett

rev2021-08-26

Originalmente publicado em inglês como
To the Shelter
Por Kay Browning
Direitos reservados © 2020
The Foundry Publications

Edição produzida por acordo com
The Foundry Publications
Todos os direitos reservados.

Tradução para o português europeu (pré-AO90)
por Daniela Nobre, Nicole Almeida

Dedicatória

Aos meus pais, Dean e Dorothy Embick,
que me incentivaram a obedecer e a seguir a Deus;
ao meu marido, Lindell,
que liderou o caminho;
aos nossos filhos extraordinários -
Brittany, Lindsey, Erin e Reuben -
que compartilharam e tornaram
esta jornada maravilhosa; e
aos nossos netos Zoe, Scarlett, Grace,
Eliott, Nora, Cameryn, Lucy, Pippa, Luca e Hugo.
Que a sua jornada de fé os leve a Cristo.



Família Browning em 2018

Índice

Prefácio (2019) / 9

Prefácio Original / 13

1 Cola espiritual / 17

2 Os cedros do Líbano / 29

3 Intifada / 37

4 A Guerra do Golfo / 47

5 Trocar o Crescente pela Cruz / 59

6 Bem-aventurados os Pacificadores / 67

7 Exilados da Babilónia / 73

8 Por Entre o Fogo / 81

9 Alcançar a Lua / 87

10 Exilados, Refugiados e Imigrantes / 95

Epílogo Original / 101

Posfácio / 103

Pôr Em Prática / 105



Kay Browning, esposa, autora, mãe de quatro filhos, avó de dez netos e ex-missionária no Médio Oriente. Escreveu vários artigos e publicações académicas e contribuiu para outros livros da MNI. Ela e o marido viveram no Médio Oriente entre 1980 e 2014. Desde que voltou para os Estados Unidos, continua a falar sobre missões e a orientar futuros missionários.

Lindell Browning serviu como missionário com a sua esposa e agora reside no estado do Indiana, EUA. Viaja regularmente para o Médio Oriente para liderar visitas de Visão e Oração que se concentram em visitar as nossas escolas e igrejas. Quando está nos Estados Unidos, ocupa-se a pregar e a partilhar sobre o trabalho da Igreja do Nazareno no Médio Oriente.

Em 2014, Lindell e Kay receberam pela Olivet Nazarene University em Bourbonnais, Illinois, EUA o título honorífico de doutoramento.



2019

Kay: Do que é que te lembras daqueles primeiros dias no Médio Oriente?

Lindell: Durante os primeiros meses, senti-me muito sozinho e com saudades de casa. O desafio de aprender a língua árabe foi avassalador. Quando começámos a fazer amizade com alguns dos outros alunos, acreditei que tudo ficaria bem.

Na época natalícia, visitámos novos amigos e membros da igreja. A grande maioria dos alunos da escola de línguas com quem tínhamos amizade eram de grupos missionários independentes e tinham de levantar os seus próprios fundos. As habitações de alguns eram muito precárias e viviam em apartamentos frios e húmidos. Embora o Médio Oriente fosse muito quente durante a maior parte do ano, os invernos eram frios e as casas não eram bem aquecidas. Visitar alguns dos nossos amigos e vê-los em apartamentos húmidos e frios fez-me sentir culpada, porque não estávamos a viver da mesma maneira. Senti uma gratidão muito grande pelo facto da Igreja do Nazareno nos estar a apoiar, para que não ficássemos sem comida, água ou aquecimento. O nosso conforto permitiu-nos focar na aprendizagem de uma nova língua e em demonstrar hospitalidade.

Kay: Eu praticamente não tinha expectativas sobre como seria a nossa vida. Aprendemos a viver de uma maneira que ampliou a nossa dependência em Deus. O “e se” não era uma questão hipotética... Era uma pergunta diária que nos lembrava que vivíamos numa parte instável do mundo. Postos de controlo, manifestações violentas, batalhas políticas e carros-bomba eram coisas que ocorriam com frequência. Mas raramente sentíamos medo. Olho para trás e fico impressionada com a maneira como Deus nos deu calma e protecção ao longo daqueles anos.

Lindell: O sentimento de desespero tomou conta de muitos árabes que eram tão mal representados e mal compreendidos pela comunicação social. Eu sabia muito pouco sobre os árabes até me mudar para aquela parte do mundo. Aprendi a respeitar a resiliência e a firmeza que evidenciavam, apesar das décadas de instabilidade na região.

Um momento inesquecível aconteceu num Domingo, logo após um atentado a um autocarro em Jerusalém. Sabíamos que a participação na igreja estaria reduzida e as forças de segurança estavam à procura dos culpados. Ahmed era um jovem muçulmano convertido ao cristianismo, que tinha estudado conosco no seminário; congregava na Igreja do Nazareno e era o pregador convidado naquela manhã. Ele morava num dos campos de refugiados palestinos e teria de passar por vários postos de controlo até chegar à igreja. Não estávamos muito optimistas de que ele chegasse a Jerusalém; começámos o culto a cantar em adoração e orámos por ele e por todos aqueles que estavam a sofrer naquele dia.

Vinte minutos depois o Ahmed entrou. Trazia a camisa fora das calças; era óbvio que tinha sido revistado pelos soldados.

Quando ele se aproximou do púlpito, eu não fazia a menor ideia sobre o que iria pregar. Mas em vez de falar sobre o que tinha acontecido naquela manhã, abriu a Bíblia em Apocalipse 21 e leu sobre o novo céu e a nova terra, e sobre as primeiras coisas que já passaram. Ele focou-se na paz perfeita e na morada eterna.

Kay: Aprendemos muito com as pessoas das nossas igrejas e com os nossos vizinhos. Eles não insistiam nos problemas; viviam dia a dia. Os crentes tinham uma grande confiança em Deus. Como é que achas que a instabilidade afectou as igrejas?

Lindell: Em tempos de instabilidade social, as idas e vindas da igreja não eram seguras depois do anoitecer. Como em Jerusalém geralmente tínhamos os cultos de Domingo à noite, tínhamos de os cancelar. Havia sempre uma história de alguém que se escapou por pouco, ou de um incidente recente. Estes períodos levaram a igreja a focar-se mais na oração.

Kay: Apesar de todas as adversidades e dificuldades, os cristãos do Médio Oriente permanecem fiéis a Cristo. Infelizmente, a população cristã está a diminuir em quase todos os países do Médio Oriente. Kent Hill, ex-presidente do Eastern Nazarene College em Quincy, Massachusetts, EUA, e actualmente director executivo do Instituto de Liberdade Religiosa, disse o seguinte sobre os cristãos no Médio Oriente:

“A Igreja no Médio Oriente tem sobrevivido e sempre sobreviverá, e a longo prazo será sempre vitoriosa contra a perseguição. Ser vitorioso, no entanto, não significa que a morte e o sofrimento desaparecem a curto prazo. Contudo, para os cristãos crentes, a morte nunca é o fim que o mundo pensa...”¹

1 Hill, Kent R. “Will Christianity Survive in the Middle East? A Christian Perspective.” Publicado a 22 de Junho

Lindell: Fomos e ainda somos abençoados por termos vivido em comunhão com estes incríveis seguidores de Cristo.

de 2017. Providence. <https://providencemag.com/2017/06/will-christianity-survive-in-the-middle-east-a-christian-perspective>

Prefácio Original

Quando uma equipa de Trabalho e Testemunho viajou para a vila de Karak, na Jordânia, um ano após a Guerra do Golfo, encontraram, espalhadas pela cidade, indicações árabes a apontar para a nossa igreja. A princípio, pensaram que estes letreiros diziam “Igreja do Nazareno”. Mas quando um membro da equipa perguntou ao pastor da igreja, ele explicou: “O letreiro diz apenas: ‘Para o abrigo’”. Durante a Guerra do Golfo, o município perguntou à igreja se o nosso edifício podia ser usado como bunker. Trouxeram colchões e mantimentos e colocaram letreiros a indicar o caminho para a igreja. Depois da guerra, podíamos ter retirado os letreiros, mas decidimos deixá-los onde estavam. Afinal, é isso que a igreja deve ser - um abrigo para todos “.

Numa área do mundo que carrega as cicatrizes das batalhas políticas e espirituais, homens e mulheres têm procurado um lugar de abrigo e segurança. O rei David fugiu para os penhascos de En Gedi e pediu ao Senhor que o protegesse. Esse mesmo Senhor providenciou abrigo a crentes árabes e judeus e a missionários que enfrentaram provações dolorosas. Eles encontraram refúgio sob as Suas asas em lugares como prisões, bunkers e apartamentos vazios. Amigos inesperados compartilharam os seus fardos, e nazarenos desconhecidos mantiveram-nos em oração. Deus não os falhou.

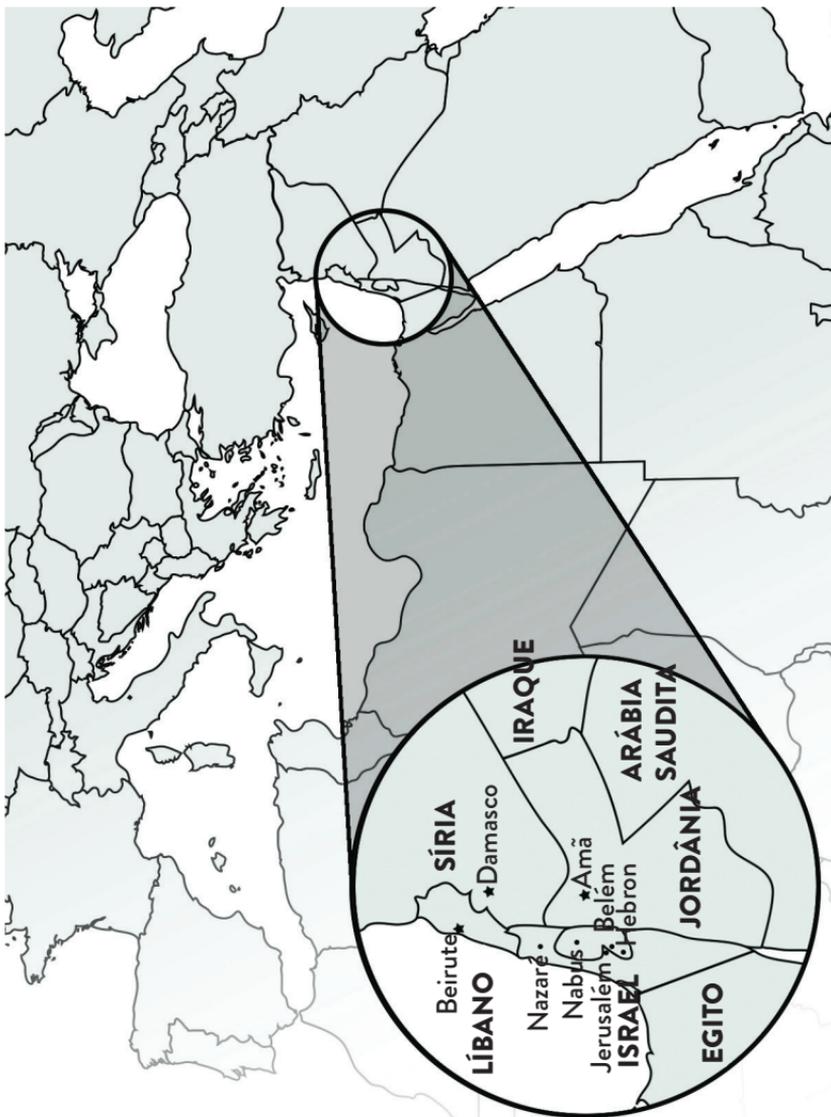
*‘Aquele que habita no esconderijo do Altíssimo,
à sombra do Omnipotente descansará.*

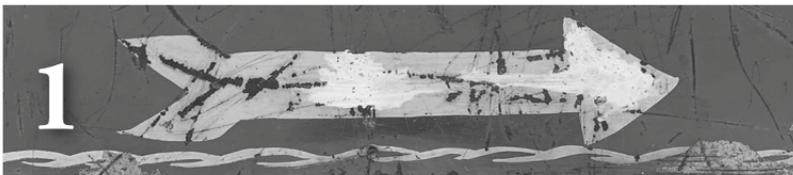
Direi do Senhor:

*Ele é o meu Deus, o meu refúgio, a minha fortaleza,
e nele confiarei.” (Salmos 91: 1-2)*

Quando as portas da paz se abrem, surgem novas oportunidades para a Igreja do Nazareno no Médio Oriente. As pessoas estão à procura de alguém em quem possam confiar e em quem possam acreditar. A mensagem da igreja leva-as “ao abrigo”.

Nota: Alguns nomes e lugares foram alterados para proteger as suas identidades.





Cola espiritual

1979

As caixas estavam empilhadas na nossa sala de estar. Os transportadores voltariam no dia seguinte para terminar de empacotar as nossas coisas para dar início à longa jornada para Amã, na Jordânia. Em Agosto de 1979, apenas dois meses depois, também viajaríamos para lá para começar o estudo da língua árabe. Agarrei na nossa filha de 18 meses, levei-a até ao quarto e deitei-a no trocador. Vieram-me lágrimas aos olhos ao olhar em volta do quarto amarelo e cor de pêsego, que nos divertimos tanto a decorar. Pensei: “Será que voltarei a ser tão feliz?”

Estávamos em mudanças e em transição de empregos, e isso estava a roubar-nos o sentido de estabilidade. Também estava a testar a nossa confiança nos planos de Deus para a nossa vida. Embora a nossa transição tenha sido parte de uma chamada missionária, ainda sentíamos inseguranças. Estava agradecida porque as nossas duas filhas eram pequenas e precisavam apenas de estar perto de nós para se sentirem seguras.

O Lindell e eu estávamos casados há cinco anos, e vivíamos há quatro em Anderson, Indiana, EUA. Quando terminou o seminá-

rio, o Lindell trabalhou como pastor de jovens na Anderson First Church of the Nazarene. Foram anos maravilhosos, anos felizes. As nossas filhas, Brittany e Lindsey, nasceram durante aquele tempo, e a igreja envolveu-nos com amor e fez-nos sentir como família. A igreja entendeu que nos estávamos a preparar para sermos missionários desde a adolescência e que Deus nos tinha chamado; ainda assim seria difícil deixá-los. A congregação deu-nos uma

Será que
voltarei a ser
tão feliz?

oferta generosa e prometeu apoiar-nos em oração.

As nossas famílias também nos apoiaram, mesmo quando perceberam que estávamos a ser destacados para o estudo da língua arábica, algures no Médio Oriente. Quando contei ao meu pai para onde tínhamos sido destacados, o queixo dele estremeceu e com uma voz chorosa, disse: “é o local de maior conflito do mundo”. Ele estava, obviamente, atento aos eventos mundiais e sabia mais do que nós sobre para onde iríamos. É verdade que não esperávamos ser enviados para o Médio Oriente, mas estávamos dispostos e ansiosos para ir para onde a igreja nos enviasse. Apenas teríamos de evitar os locais problemáticos e nada aconteceria.

Dizer adeus às nossas famílias foi a parte mais difícil. Lembrome de, nas despedidas finais, sentir que algo aconteceria à minha mãe e não voltaria a vê-la. Tentei afastar esse sentimento, porque tínhamos uma longa jornada pela frente. Os nossos corações estavam entristecidos naquela despedida.

Quando nos sentámos no avião, eu e o Lindell partilhámos os nossos medos mais íntimos. Eu admiti o meu próprio medo de viver no Médio Oriente, e o Lindell confessou-me os seus senti-

mentos de insegurança e insuficiência. A incerteza do futuro parecia um monstro pronto para nos engolir. Então lembrámo-nos do quadro que tínhamos oferecido à minha mãe pouco antes de sairmos. Nele estavam as seguintes palavras, “A vontade de Deus não nos leva para onde a Sua graça não nos pode guardar”.

A viagem até à nossa nova casa não foi fácil. Quando partimos a 27 de Agosto de 1979, o nosso itinerário incluía uma escala no Chipre, uma pequena ilha no mar Mediterrâneo. Os oito missionários nazarenos no Médio Oriente estavam lá reunidos, para um tempo de comunhão e planeamento, e pediram que nos juntássemos a eles. Dois dias depois, continuaríamos a nossa viagem para Amã com Gordon e Pat Johnston, os missionários nazarenos a servir na Jordânia.



Kay em Amã com Brittany e Lindsey, poucos dias depois de chegarem em Agosto de 1979

Chegámos ao aeroporto do Chipre uma hora antes da partida e percebemos que não podíamos embarcar porque o avião já estava na pista, pronto para descolar. A partida foi adiada uma hora, mas não fomos notificados. A única opção era trocar os nossos bilhetes por um voo dois dias depois e passar duas noites num hotel perto do aeroporto. Infelizmente, não havia voos directos para Amã e tivemos de apanhar um voo com escala em Beirute. O único lugar no Médio Oriente onde não queríamos ir. Mas Deus tinha outros planos.

Na quarta-feira, chegámos ao aeroporto com mais de duas horas de antecedência. O voo estava superlotado, mas foram-nos atribuídos lugares e fomos instruídos a passar pelo controlo de segurança. Enquanto esperávamos para embarcar no avião, ouvimos um anúncio. O nosso voo foi adiado devido a uma greve no aeroporto de Beirute. Uma hora depois, disseram-nos que podíamos embarcar. Eu e o Lindell agarrámos nas nossas bagagens e nas nossas filhas inquietas e atravessámos a pista quente para subir as escadas de acesso ao avião. Momentos depois de nos sentarmos nos nossos lugares, a hospedeira da companhia aérea pediu desculpa e informou-nos que teríamos que desembarcar. A greve tinha sido retomada e o avião não podia aterrar em Beirut.

Depois de mais uma hora de espera, voltámos a ouvir o anúncio; os passageiros para Beirut podiam embarcar de novo. Desta vez, instalámo-nos e respirámos de alívio quando o avião descolou. Passados trinta minutos no ar, o avião fez uma curva acentuada. Estávamos a voltar para o Chipre. O aeroporto de Beirute estava novamente em greve e não podíamos continuar a viagem.

Enquanto esperávamos na zona de embarque que já conhecíamos tão bem, perguntámo-nos se algum dia chegaríamos a Beirute.

Meia hora depois voltaram a dizer-nos para embarcar. Sentámo-nos e apertámos os cintos de segurança, com dúvidas de que o avião descolasse. Para nossa surpresa, cerca de uma hora depois, finalmente chegámos a Beirute. Como esperado, perdemos o voo de ligação a Amã, que partira dentro do horário previsto, e não haveria outro voo até ao dia seguinte. Apesar das nossas súplicas para nos darem autorização para ficar no Líbano, fomos escoltados por soldados armados de volta ao avião de onde tínhamos acabado de sair, porque não tínhamos os vistos necessários. A companhia aérea, claro, ficou feliz em vender-nos os bilhetes de regresso ao Chipre. Ao olharmos com ar desesperado para o Gordon e a Pat Johnston, eles apenas nos disseram: “Bem-vindos à vida missionária no Médio Oriente”.

Passámos mais um dia no Chipre até conseguirmos um voo directo para Amã.

Ficámos tão felizes por sair do avião e podermos ter alguma estabilidade. Amã tornou-se a cidade mais bonita onde estivemos - independentemente de termos um apartamento com pouca mobília e de haver cortes de água frequentes. O nosso sentido de aventura ajudou-nos durante a fase de adaptação, e a chamada de Deus às nossas vidas deu propósito àqueles primeiros dias.

Não demorou muito, no entanto, até perdermos o entusiasmo inicial e ficarmos cheios de saudades de casa. Eu esgueirava-me para o meu quarto para chorar, para o meu marido e as minhas filhas não me verem. Mais tarde, percebi que o Lindell fazia o

Bem-vindos
à vida
missionária no
Médio Oriente.

mesmo. Mas sabíamos que a saudade de casa não era fatal e não demorou muito até nos sentirmos melhor. Quando o superintendente geral V. H. Lewis chegou em Outubro para a assembleia distrital, estávamos prontos para ouvir as suas palavras desafiantes. Fomos exortados a continuar, a aprender o idioma e a manter em mente os objectivos de Deus. Eu e o Lindell já não estávamos a olhar para o que ficou para trás, mas para o futuro.

Apenas alguns dias depois do casal Lewis deixar Amã, recebi uma mensagem para ligar à minha irmã, que estava nos EUA, imediatamente. Não tínhamos telefone em casa porque havia uma lista de espera de dois anos, e a minha família fez vários telefonemas até encontrar alguém que pudesse passar a mensagem. Às oito da manhã, agarrámos nas meninas e fomos até ao escritório distrital de onde poderíamos fazer o telefonema para Illinois, EUA. Depois de duas horas de espera, finalmente houve disponibilidade para fazer passar a chamada transatlântica, e conseguimos contactar a minha irmã.

Ela explicou que a nossa mãe tinha desenvolvido um aneurisma no nervo óptico e, de repente, ficou cega. Tinha sido levada de urgência para o hospital para ser submetida a uma cirurgia. A operação durou mais de 7 horas e, nas 20h que se passaram entretanto, ela ainda não tinha recuperado a consciência. Havia possibilidade de não sobreviver. Se sobrevivesse, poderia ficar permanentemente cega ou sofrer graves danos cerebrais.

Desliguei o telefone com uma sensação de impotência e choque. Aquilo não podia estar a acontecer. Tínhamos acabado de os deixar para servir como missionários nazarenos. A dor era quase insuportável, mas senti-me amparada pela presença de Deus e sa-

bia que, tanto nos EUA como em Amã, as pessoas estavam a orar por nós.

Quando contactámos a minha família, dois dias depois, descobrimos que a situação da minha mãe tinha piorado. Ela ainda não tinha recuperado a consciência e tinha um inchaço no cérebro. Dois dias depois, recebi um telefonema do meu irmão mais velho, a dizer que a situação da nossa mãe era crítica e que tinha de ser submetida a uma nova cirurgia para remover a pressão intercraniana. Os especialistas não prometeram um resultado favorável, mas informaram a minha família de que o procedimento era a única hipótese de sobrevivência.

Eu e o Lindell sabíamos que estava na hora de ir ter com a minha família. Antes de irmos para o aeroporto, o Lindell queria encontrar-se com o pastor da igreja que frequentávamos. As notícias tinham chegado ao irmão David Nazha e ele recebeu-nos com simpatia e compreensão. Expressou a sua preocupação e perguntou se podia orar pela minha mãe e por mim.

Com uma voz potente, numa língua que eu mal entendia, ele começou a orar. Embora estivéssemos num círculo, frente a frente, foi como se ele tivesse pegado no meu espírito ferido e o tivesse elevado ao Pai. Percebi, então, que uma parte das nossas vidas se entrelaçava com estas pessoas do Médio Oriente. O sofrimento deles, ao longo dos anos, tinha sido grande. Tinham muito a ensinar-me e eu, muito a aprender.

Em 48 horas, Deus ajudou-nos a fazer os preparativos da viagem até St. Louis, Missouri, EUA. Durante o voo de 20 horas, orei para que a minha mãe não morresse e que soubesse que eu estava a caminho. O meu irmão mais novo foi buscar-nos ao aéro-

porto e trouxe-nos a notícia de que a nossa mãe tinha sobrevivido à cirurgia e estava a começar a sair do coma. A primeira parte da minha oração tinha sido respondida.

Fomos diretamente ao hospital e entrámos no quarto. Aquela pessoa acamada parecia-se pouco com a minha mãe. De cabeça rapada e cheia de hematomas, estava inchada, para quase o dobro do tamanho. Fios e tubos ligavam-na às máquinas. Mas quando coloquei a minha mão na dela e disse, “Olá, mãe. É a Kay”, ela apertou-a levemente e percebi que me tinha reconhecido. A segunda parte da minha oração tinha sido respondida.

Os médicos não conseguiam fazer previsões sobre a sua recuperação. A minha mãe tinha sofrido um AVC entre as duas cirurgias, deixando-a com todo o lado esquerdo paralisado. Tinha lesões cerebrais e a sua visão estava limitada. Fiquei com a minha família durante quase seis semanas, passando a maior parte do tempo no hospital. Gradualmente, a minha mãe começou a falar e recuperou alguma força.

Quando decidimos transferi-la para um centro de reabilitação, eu percebi que estava na hora de voltar para o meu marido e filhas, na Jordânia. A minha família esperava que com terapia intensiva, a minha mãe voltasse para casa dentro de alguns meses. Foi difícil dizer adeus outra vez, particularmente ao meu pai. Mas ele entendeu que eu tinha de seguir a direcção de Deus para a minha vida, e percebeu que a minha própria família também precisava de mim. Voltei para a Jordânia e trabalhei diligentemente para tentar recuperar o tempo perdido no estudo da língua.

Dois meses depois, outro telefonema. A minha mãe tinha tido convulsões durante um período de várias horas e entrou num

coma profundo. Os médicos diziam que ela podia ficar em coma durante dias, meses ou até anos. Desta vez não voltei e tentei dar o meu melhor para me concentrar na tarefa de aprender árabe.

Apesar da minha diligência, não tive muito sucesso porque, entretanto, surgiram mais distrações e obstáculos. Durante o nosso segundo ano, a Brittany teve hepatite, enquanto eu estava grávida do nosso terceiro filho. Quando o médico diagnosticou a doença da Brittany, ele advertiu-me a ter cautela, porque a hepatite era extremamente perigosa durante os primeiros três meses de gravidez. O médico deu-me uma longa lista de coisas a não fazer, para evitar ficar doente, mas já as tinha feito todas. Conscientes de que a hepatite era altamente contagiosa, pedimos à comunidade de crentes árabes para orar por nós. E umas semanas depois, sabíamos que Deus tinha ouvido essas orações. Seis meses depois, nasceu uma menina saudável, a quem chamámos Erin Elizabeth.

Os meses estenderam-se para mais de um ano, e a minha mãe continuava em coma. Não havia nada que pudéssemos fazer além de orar por ela e pela minha família, que carregava um fardo tão pesado. Um mês depois da Erin nascer, mudámo-nos para Nazaré, Israel, onde o Lindell começou a supervisionar o trabalho nazareno na Galileia. As pessoas da nossa nova igreja eram amorosas e atentas, e começaram a ajudar-nos a carregar este fardo da minha mãe e da minha família. Depois de ouvir sobre a minha preocupação com os encargos financeiros que o meu pai enfrentava, uma jovem sugeriu que os trouxéssemos para a Nazaré, para que nos ajudassem a cuidar deles.

Apenas 20 meses após o nascimento da Erin, dei à luz ao nosso filho, Reuben David. Quando, em 1983, tivemos a nossa

primeira licença de divulgação missionária, regressámos ansiosos por mostrar os nossos novos bebés. Mas essa emoção foi ofuscada pela necessidade de ver a minha mãe. Depois de um ano e meio, ela saiu do coma; mas tinha sofrido graves danos cerebrais. Desta vez, quando a visitei no hospital, ela não me conhecia. Os olhos nublados, com cataratas, não mostraram qualquer sinal de reco-

Com o coração partido, saí da sala a murmurar “Porquê?”

nhecimento. Com o coração partido, saí da sala a murmurar, “Porquê?” A minha mãe manter-se-ia na mesma condição até morrer, dez anos depois.

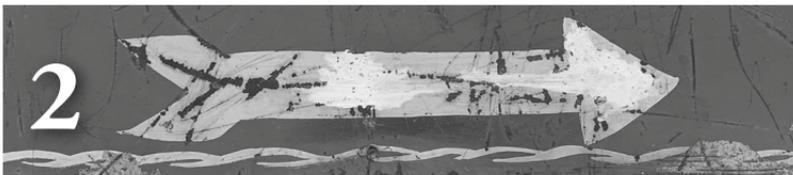
Deus ouviu a minha pergunta e acabou por me libertar do fardo de querer saber porquê. A promessa de Filipenses 4:11–13, ganhou um novo significado

na minha vida. Descobri a paz que Deus pode dar em todas as circunstâncias. Ensinou-me que pode haver contentamento mesmo sem felicidade extática, e ajudou-me a perceber que Ele entende e sente as nossas mágoas e tristezas. Uma vez ouvi descreverem o contentamento como “uma paz que não se desfaz”. É a cola espiritual que nos mantém unidos.

Voltámos a Nazaré após um ano de licença, renovados pelas orações e encorajamento que sentimos ao visitar as igrejas do nazareno nos Estados Unidos. As despedidas foram novamente difíceis; o Médio Oriente continuava a ser uma zona instável, mas nós estávamos prontos para regressar e ver o futuro que Deus tinha reservado para nós.

Nota do editor: Dorothy Embick, a mãe de Kay, viveu numa instituição de cuidados de saúde até à sua morte, a 4 de Julho de

1992. A sua saúde permaneceu estável, apesar dos danos neurológicos que a deixaram em estado vegetativo. Kay voltou sozinha para os Estados Unidos para estar no funeral.



Os cedros do Líbano

1975 - 1991

O nosso primeiro Natal longe de casa foi um tanto agrídoce. Tinha acabado de voltar depois das seis semanas com a minha família, durante a primeira crise da minha mãe. Apesar da preocupação com a minha família nos Estados Unidos, estava ansiosa para voltar para o meu marido e filhas. O Lindell tinha sido um maravilhoso “Sr. Mãe” e até conseguiu descarregar as caixas que chegaram com todos os nossos pertences. Sabia que ele estava ansioso para viajar e aprender mais sobre o trabalho Nazareno no Médio Oriente; portanto, quando regresssei, encorajei-o a fazer uma viagem ao Líbano com o Gordon Johnston durante as férias de Natal da escola de línguas.

Estávamos em 1979, e a guerra civil que estava a destruir aquele belo país decorria há cerca de seis anos. Os missionários nazarenos permaneceram o máximo de tempo possível, mas em 1975 o Departamento de Estado dos EUA exigiu que todos os cidadãos americanos deixassem o Líbano. Gordon e Pat Johnston mudaram-se para a Jordânia, a partir de onde Gordon continuou a dirigir o trabalho no Líbano. Sempre que possível, o Gordon

viajava de volta a Beirute para incentivar as pessoas e verificar as condições das nossas igrejas e escolas.

A primeira visita do Lindell ao Líbano levou-o pelas ruas de uma cidade dividida e controlada por vários grupos de milícias. Enquanto ele e o Gordon conduziam por estradas rodeadas de soldados, tanques e postos de controlo, era difícil discernir quem estava do lado de quem. Eles encontraram-se com membros da nossa igreja, que viviam sob a ameaça de bombas e balas e que regularmente procuravam protecção em bunkers, quando os ataques intensificavam. Apesar de haver um acordo de tréguas temporário durante a sua visita, era evidente que a guerra não terminaria em breve.

Os 11 anos seguintes trouxeram mais devastação e desespero. Tornou-se impossível para os missionários americanos fazerem visitas, mesmo que curtas, ao Líbano. Os americanos e europeus continuavam a ser sequestrados e mantidos como reféns, e entre eles estavam missionários. Eu e o Lindell só regressámos em 1991. As milícias armadas assinaram finalmente um acordo de paz e recebemos autorização especial para visitar o país.

A nossa viagem para Beirute começou em Damasco, na Síria. Viajámos de autocarro pelas belas montanhas e pelo vale de Beqaa. O nosso guia disse que provavelmente alguns dos reféns ainda estavam presos nas aldeias por onde passávamos. Ironicamente, era suficientemente seguro pararmos para comprar um almoço rápido numa das lojas da vila. No entanto, quando chegámos a Beirute, dormimos num convento situado nas montanhas com vista para a cidade, e não num hotel. Ainda eram necessárias medidas de segurança.

A única maneira de chegar a Beirute a partir do convento, era uma viagem de 40 minutos por um caminho tortuoso pelo meio das montanhas. Numa cidade a abarrotar de carros, havia poucos semáforos a funcionar e ainda menos agentes da brigada de trânsito. A devastação da cidade era indescritível. No centro de Beirute, havia uma zona com um diâmetro de 16Km no qual não restava mais nada além das ruínas dos edifícios destruídos

Numa população de 3 milhões de pessoas, contavam 150 mil mortes. Um terço dos habitantes estava desalojado, a mudar-se frequentemente de um abrigo para outro. Mas as estatísticas não contam as histórias de tragédia e sofrimento que as pessoas enfrentaram. Um taxista contou-nos que ele e a família sobreviveram levando o seu carro até as montanhas e fazendo dele a sua casa.

Durante os anos de conflito, a comunicação com os nossos líderes libaneses era quase impossível. Como os cidadãos dos EUA tinham sido proibidos de visitar o país, os nazarenos libaneses tinham pouco acesso a alguém que os pusesse em contacto com a sua família internacional. Apesar das dificuldades e lutas, no entanto, as duas igrejas e a escola nazarena em Beirute conseguiram manter as suas portas abertas. A escola ficava numa zona onde tinham ocorrido combates intensos durante os últimos anos da guerra. Os edifícios à volta foram atingidos por bombas e as paredes enfraquecidas sucumbiram sobre a escola. Toda a zona ficou

Deus honrou a fé e a determinação dos nazarenos libaneses, e as escolas e as igrejas sobreviveram à guerra civil.

sem electricidade durante meses a fio. Mas Deus honrou a fé e a determinação dos nazarenos libaneses, e as escolas e as igrejas sobreviveram à guerra civil.

O director da escola Nazarena de Beirute era um homem chamado Abdu Khanashat. Quando o visitámos durante a viagem de 1991, ele estava ansioso para que víssemos a restauração que foi possível graças ao financiamento dos Ministérios de Compaixão Nazarenos. As paredes recém-rebocadas e pintadas contrastavam com as estruturas destruídas por projecteis em redor da escola. Abdu contou-nos como os adultos e jovens da igreja ajudaram a restaurar os edificios. Ele levou-nos ao bunker que tinha protegido centenas de pessoas durante os ataques. Após a restauração do edificio, trouxeram máquinas de costura para providenciar uma fonte de rendimento para a comunidade.

Quando Abdu nos mostrou o abrigo, chamou-nos a atenção para o canto, onde um simples contentor de cimento em forma de banheira se erguia a um metro de altura. O irmão Khanashat explicou que a banheira de cimento era um baptistério. Umas semanas antes, a igreja organizou um culto especial de celebração e louvor em que sete pessoas foram baptizadas. Em que outra parte do mundo encontraríamos um baptistério num bunker, senão em Beirute?

Da cave, fomos para o telhado, onde Abdu nos mostrou o novo gerador eléctrico. Os apagões, ainda frequentes, não voltariam a interromper o funcionamento normal da escola. Mas o que chamou a nossa atenção foi uma estrutura de metal em forma de cruz. O acrílico opaco que cobria a estrutura estava completamente destruído; mas apesar de danificada, a cruz manteve-se de pé.

Manteve-se como um símbolo destes cristãos de Beirute; invencíveis no meio das dificuldades avassaladoras.

O Abdu levou-nos ao seu apartamento para um tempo de comunhão e refeição com a família. Durante a viagem, contou-nos sobre uma situação em que enfrentou grande desespero e desânimo. Uma batalha intensa instalou-se no bairro da escola. Sabendo que os pais ficariam preocupados, os funcionários apressaram os alunos para os autocarros de aspecto meio desgraçado da escola, e levaram-nos a casa. Algumas crianças que já não tinham espaço nos autocarros foram no carro de Abdu. Depois de os deixar, ele regressou à escola Nazarena para esperar pela sua filha de 17 anos, que frequentava uma escola a 16Km de distância. Por causa dos ataques, o condutor do autocarro daquela escola recusou-se a deixá-la na escola Nazarena. Abdu quis ir buscá-la imediatamente, mas a escola da filha informou-o que era demasiado perigoso fazer o percurso naquele momento.



Abdu com aluna da creche

Por volta do meio dia, havia pessoas por todo o lado, carregando tantos pertences quantos conseguissem. Bombas e engenhos explosivos de todos os tipos enchiam o ar com barulho. As pessoas que moravam perto da escola Nazarena, vieram a correr com cobertores e comida. Seguravam os filhos pela mão, a chorar e a gritar; encontraram um lugar seguro no bunker da escola. As ruas estavam agora vazias, apenas se viam soldados a preparar as suas armas para a batalha seguinte. As linhas eléctricas foram cortadas e o fornecimento de água desligado. Caiu a escuridão sobre a cidade e o fumo cobria toda aquela zona. Às cinco horas, começou outra onda de ataques.

O Abdu levou uma vela para uma pequena sala escura do abrigo. Quando os bombardeamentos e os tiros recomeçaram, o barulho que faziam parecia quase como se uma tempestade se desenrolasse no exterior. Ele entrou no espaço sombrio, ajoelhou-se e começou a orar. “Ó meu Senhor, o que devo fazer? O que queres que eu faça? Estou longe da minha família e não sei se estão vivos. Mantém-nos seguros, por favor. Os ataques podem durar dias... E quem cuidará deles? Quem me vai alimentar? Mostra-me as promessas da Tua Palavra.”

Deus respondeu: “Escuta, Abdu! Não és meu filho? Não confias no Teu Pai, a quem oras todos os dias? Não alimentei Elias no deserto?” Naquele momento, alguém bateu à porta. Abdu abriu e, diante dele, estava um senhor com um prato cheio de comida e pão. Ele disse que sabia que Abdu não tinha comido o dia todo e pediu-lhe para aceitar aquela comida. Com lágrimas nos olhos, Abdu aceitou-a com gratidão. O simples presente assegurou a Abdu que Deus não o havia esquecido nem abandonado.

Ao fim de oito dias, os ataques pararam. As pessoas ousaram sair e perceberam que a escola se tinha tornado a fronteira entre os dois grupos em guerra. Assim que pôde, Abdu foi à escola da filha. Encontrou-a bem, mas preocupada. Juntos foram à procura do resto da família. Quando chegaram a casa, não estava ninguém. O seu quarteirão tinha sido atingido e as casas à volta estavam destruídas, com fogos aqui e ali. Os vizinhos não sabiam onde estavam a mulher de Abdu, nem a filha, o genro e o neto de um ano. Eles regressaram à escola com os corações pesados, mas a orar e a confiar em Deus que a família seria encontrada viva. Uns dias depois, o Abdu e a filha alegraram-se quando receberam notícias de que todos estavam bem e em segurança. Passou um mês até estarem juntos de novo.

A história do Abdu terminou ao chegarmos ao seu apartamento nas montanhas, com vista sobre o mar. Ele explicou que a sua família saiu da cidade para evitar os crescentes confrontos armados, mas mesmo assim os últimos conflitos tinham acontecido naquela zona.

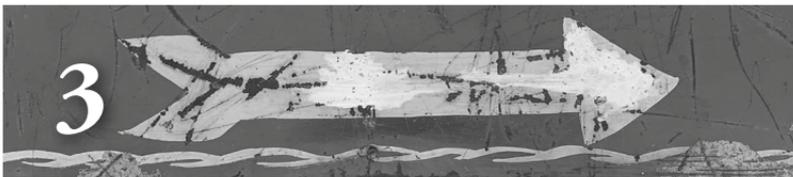
Ele mostrou-nos o seu apartamento recentemente reparado e, num dos quartos, reparámos numa parede rebocada de fresco. O Abdu explicou que uma bomba entrou pela parede e caiu em cima da cama, sem explodir, onde, minutos antes, o seu neto tinha estado deitado. Ele, mais uma vez, deu glória a Deus pela protecção da sua família.

Sáímos da casa do Abdu maravilhados com a coragem e força da sua família. Eles, e tantos outros, não perderam a fé em Deus nem a esperança por um futuro melhor. Dissemos adeus às pessoas que visitámos nas casas, igrejas e escolas, e elas agradeceram-nos

pela nossa visita e pelo encorajamento. Eu e o Lindell sentimo-nos profundamente tocados.

As pessoas das nossas igrejas lembraram-nos de um poster de parede com uma fotografia do lindo porto de Beirute. Nele estão as seguintes palavras, “Beirute - uma cidade que não se renderá”. Os nossos nazarenos não renunciaram à sua fé em Deus nem ao seu amor pela igreja. Como os antigos cedros, eles mantêm-se de pé, firmes, e oferecem ao seu país um belo aroma, o aroma de Cristo.

Nota de Editor: Abdu continuou a ser director da Escola Evangélica Nazarena até se reformar, em 2015. Durante 52 anos serviu a escola Nazarena. Além disso, Abdu serviu na Junta Consultiva Distrital no papel de Secretário Distrital. Abdu representou a Igreja do Nazareno no Conselho Supremo do Líbano e da Síria, uma organização para igrejas evangélicas. Por causa do seu fiel serviço à igreja, recebeu o Distinguished Service Award.



Intifada: Disputas na Terra Santa

1986 - 2005

A cidade árabe de Nazaré foi a nossa casa no Médio Oriente entre 1981 e 1988. A nossa família morava num complexo que incluía um jardim, apartamento paroquial, igreja e edifício da pré-escola. Era um lugar maravilhoso para se viver, e sentimo-nos instalados e seguros. Apesar de haver ataques terroristas em Israel, nada acontecia na Nazaré, excepto sustos pontuais com bombas.

Durante esse tempo, não tínhamos ideia das tensões que estavam a crescer na Cisjordânia. Passávamos frequentemente pelas cidades de Janin, Nablus e Ramallah, na Cisjordânia, a caminho de Jerusalém. Os missionários nazarenos que viviam em Jerusalém disseram-nos que a dissensão entre os palestinianos e os israelitas era cada vez maior. A vida em Jerusalém estava a tornar-se cada vez mais difícil, e eles temiam que algo significativo acontecesse.

Em Dezembro de 1987, iniciou-se a *intifada*,² ou revolta palestinianiana, na qual os palestinianos árabes protestavam a ocupação

² Intifada é uma palavra árabe que se traduz literalmente como 'sacudidela'... No conflito Israelo-Árabe, significa um esforço palestinianiano concertado

da Cisjordânia pelo governo israelita. A agitação começou numa zona chamada Gaza e alastrou-se para as outras cidades da Cisjordânia. Os protestos violentos começaram poucos dias depois; alguns soldados israelitas foram feridos e vários árabes mortos. Os cidadãos de Nazaré decidiram ser solidários para com os palestinos e planearam uma manifestação na rua principal da cidade.

Não esperando mais do que uma manifestação pacífica, o Lindell levou as nossas filhas mais velhas à aula de violino, que duraria duas horas, numa cidade a 55Km de Nazaré. Eu fiquei em casa com a Erin, o Reuben e o Rami, um rapaz de oito anos que estava a viver connosco na altura. As escolas encerraram mais cedo, as crianças foram enviadas para casa e sentiu-se uma quietude anormal por toda a cidade.

À uma hora da tarde, as igrejas tocaram os seus sinos como sinal de respeito pelos que tinham sido mortos ou feridos nos protestos dos últimos dois dias. Enquanto os sinos tocavam, olhei pela janela do segundo andar do nosso apartamento e percebi que os grandes portões de ferro do jardim não tinham sido fechados. Antes de me virar para descer as escadas, um autocarro cinzento da polícia parou em frente dos portões e começaram a sair 50 agentes completamente equipados.

Eu e as crianças fomos até à varanda da sala para ver o que estava a acontecer. De lá, subi à placa do telhado da igreja e percebi que os protestos tinham saído do centro da cidade e estavam

em sacudir o poder israelita e ganhar independência.” McKernan, Bethan. “Intifada: What is it and what would a third Palestinian uprising mean for Israel and the Middle East?” Publicado a 7 de Dezembro de 2017. Independent. <https://www.independent.co.uk/news/world/middle-east/intifada-what-is-palestinian-uprising-israel-jerusalem-trump-hamas-capital-west-bank-palestine--a8097331.html>

a vir na nossa direcção. Jovens corriam pelas ruas a atirar pedras, a queimar pneus e a empurrar caixotes de lixo em chamas para cima da polícia; esta, respondia lançando gás lacrimogénico sobre os agitadores.

Apesar do perigo, decidi deixar os portões da frente abertos para que o Lindell e as meninas pudessem entrar para o jardim rapidamente. E decidi tentar ocupar as crianças com outra actividade qualquer. O Rami estava feliz a jogar com o Reuben e a Erin, mas também estava muito curioso sobre os eventos que estavam a acontecer em frente à igreja. Depois de distrair as crianças, retomei o trabalho que precisava de ser terminado. Estava ocupada no quarto do fundo quando ouvi alguém gritar, “Mamá!”

Corri para a sala e encontrei as três crianças juntas na varanda. Olhei para baixo e vi o que as assustou. A polícia tinha apanhado alguns adolescentes no jardim e estava a arrastá-los dali para fora



Família Browning em 1986

com bastonadas. Assim que eles saíram, apressei-me a fechar os portões do jardim. Nas escadas que levam ao nosso apartamento por cima da igreja, encontrei um jovem a correr, obviamente à procura de um local onde se esconder. Imaginei a polícia a ir atrás dele até à nossa casa e não hesitei por um momento em dizer-lhe para sair imediatamente do nosso jardim. Os nossos filhos já tinham visto mais do que suficiente naquele dia. Ele subiu o gradeamento e desapareceu.

Quando caiu a noite, os protestos terminaram e o Lindell regressou com a Brittany e a Lindsey. Eles tiveram de contornar pneus em chamas para chegar a casa, mas chegaram em segurança. Embora faltassem poucos dias para o Natal, sabíamos que não seria um Natal pacífico em Israel.

Aquele incidente deu início a um tempo conturbado e de violência extrema dentro das fronteiras de Israel e nas zonas árabes ocupadas pelas autoridades israelitas. Os pontos problemáticos mantiveram-se em Gaza, na Cisjordânia e em Jerusalém. Mas não em Nazaré, portanto as nossas vidas não foram afectadas. No entanto, quando íamos a Jerusalém, deixámos de ir pelas colinas da Judeia e pelas cidades da Cisjordânia.

As nossas igrejas em Jerusalém foram obrigadas a cancelar os cultos nocturnos. Fomos obrigados a encerrar um ministério de Escola Dominical na Cisjordânia, porque o carro que levava os nossos funcionários foi apedrejado. Eram convocadas greves de protesto várias vezes por semana, forçando o encerramento de escolas e empresas nas comunidades árabes. Os nossos missionários em Jerusalém disseram-nos que era difícil evitar áreas problemáticas e viram-se numa situação problemática, quando os soldados

entraram à força na sua casa, à procura de um vizinho que tinha andado a atirar pedras. A vida na Terra Santa começou a mudar.

No outono de 1989, a nossa família mudou-se para Jerusalém. Escusado será dizer que foi uma grande mudança para nós. Embora a Nazaré fosse uma cidade com 80 mil habitantes, parecia uma vila. Jerusalém, no entanto, era o centro político e espiritual do país. Começámos a sentir a tensão crescente e o perigo da intifada e tentámos ajustar as nossas vidas à incerteza que trouxe.

Nos anos seguintes, a violência continuou a aumentar. Era normal ver as janelas dos carros estacionados em frente à igreja partidas pelos jovens revoltados do bairro. Continuavam a apedrejar os carros que passavam. Todos os dias, pelo menos dois ou três veículos estacionados eram queimados por incendiários furiosos. Uma vez, enquanto os nossos filhos estavam numa reunião da igreja com os amigos, o carro que os levou foi incendiado. Sentíamos-nos muito vulneráveis.

No início de 1991, mudámo-nos de Jerusalém para um apartamento maior e mais barato em Belém. Embora morássemos um pouco além dos limites da cidade de Jerusalém, a nossa casa ficava na Cisjordânia. E a atmosfera era muito diferente. Encontrámos um espírito de desespero, desesperança e medo entre os nossos vizinhos palestinos.

Não tínhamos percebido a tensão em que eles viveram durante os anos da intifada. Os empregos eram escassos, as pressões políticas eram elevadas e a vida diária cheia de incertezas. Às vezes ajudávamos um vizinho preocupado a procurar um filho que não tinha voltado para casa depois do dia de trabalho. Se um jovem palestino estivesse perto de um local de apedrejamento ou de ou-

tro incidente, era imediatamente levado pelos militares para interrogatório, e às vezes demorava dias a ser liberto. Nós orávamos com os nossos vizinhos e fazíamos o que podíamos para os ajudar.

As nossas idas diárias a Jerusalém levavam-nos pela estrada principal de entrada na cidade, numa zona onde o apedrejamento de carros era frequente. Se os carros tivessem licenças de circulação do governo israelita, tinham matrículas amarelas. Os jovens furiosos escondiam-se por trás dos edifícios e atiravam pedras a estes carros. A nossa carrinha era um deles. Sabíamos que as matrículas amarelas faziam de nós um potencial alvo, mas colocámos um cartaz na janela do carro a dizer “Igreja do Nazareno”, esperando que fosse suficiente para evitar o apedrejamento.

Meses antes, quando eu e o Lindell passámos por um campo de refugiados palestino, fomos atingidos no pára-brisas e ficámos cobertos em estilhaços. Felizmente, não ficámos feridos. Confiantes de que não voltaria a acontecer, continuámos as nossas viagens diárias de e para Jerusalém.

Apesar de muitas pessoas terem medo de viajar para a Cisjordânia, os nossos filhos tinham amigos que nos visitavam regularmente. Nós garantíamos o transporte de e para a nossa casa. Tal foi o caso num Sábado em Outubro de 1991.

Assim que escureceu, carregámos a nossa carrinha com três dos nossos filhos e quatro amigos e fomos para Jerusalém. Enquanto seguíamos pela estrada principal, perto de uma pedreira, ouvimos uma pancada. Alguém atirou uma pedra e estilhaçou o vidro da janela do banco de trás. Uma das crianças gritou, “Acertou em mim!” Brittany, a nossa filha de 16 anos, saltou para o banco de trás e percebeu que o Reuben, com apenas oito anos, foi atingido

pela pedra. O sangue escorria pelo golpe na parte de trás da sua cabeça. Parámos momentaneamente e depois apressámo-nos a sair da Cisjordânia para a casa de um amigo que morava ali perto.

O corte era profundo e o Reuben precisava de ir ao hospital. O nosso amigo Salim, um árabe israelita³ fluente em hebreu e inglês, levou o Lindell e o Reuben ao hospital de Hadassah. Eu fiquei em casa dele com as crianças e com a sua esposa e aproveitei para limpar os estilhaços de vidro do carro.

Estávamos todos angustiados e preocupados. Como é que isto nos foi acontecer? As histórias de mortes de vítimas de apedrejamento não me saíam da cabeça. Se o Reuben não tivesse olhado para o seu amigo enquanto falava com ele, a pedra ter-lhe-ia acertado no olho, em vez de na parte de trás da cabeça. Estremecemos ao pensar no que realmente poderia ter acontecido.

A caminho do hospital, o Reuben perguntava, “Vou morrer?” A sua camisola estava coberta de sangue e a ferida continuava a sangrar. O Lindell fez o possível para o acalmar. Finalmente, um Reuben pálido e abalado regressou com o Salim e o Lindell, e este contou-nos o que aconteceu no hospital.

O corte precisou de oito pontos, mas os raios X revelaram que não havia contusão. O Lindell esteve sempre junto do Reuben, enquanto o médico lhe suturava a cabeça. Enquanto segurava a mão esquerda de Reuben, o Lindell reparou que ele estava a observar a mão direita e a mover os dedos.

Ele ficou preocupado, pensando que talvez houvesse mais algum problema, e perguntou ao Reuben se a mão lhe doía. O Reuben disse-lhe que estava a tentar fazer o que o pai lhe ensinara. Ele

3 Um cidadão israelita árabe.

respondeu: “Pai, lembra-se de dizer que quando estivéssemos com medo, devíamos olhar para a nossa mão direita e pensar no versículo em Isaías 41:13?” Ele tinha estado a repetir aquelas palavras em silêncio, enquanto olhava para a mão:

*“Porque eu, o Senhor, teu Deus,
te tomo pela tua mão direita
e te digo: não temas,
que eu te ajudo.”*

Na manhã seguinte, peguei na camisola manchada de sangue, com intenções de deitá-la fora. Mas em vez disso, decidi pô-la de molho com um novo tira-nódoas. Quando verifiquei a camisola, umas horas depois, o sangue tinha desaparecido. Na confusão, não reparámos na camisola que o Reuben tinha vestida durante o incidente. Na frente estava escrito “Firmado como uma Rocha em Jesus”; e nas costas: “O homem sábio constrói sua casa sobre a Rocha”. Fomos lembrados de que a fundação da nossa fé é Cristo, e de que as pedras dos amotinadores furiosos não a podiam destruir.

Houve um
derramar
de amor e
preocupação
que trouxe
cura ao nosso
coração
desanimado.

Ainda demorámos alguns dias a recuperar do choque daquele incidente. Os mecanismos de sobrevivência que tínhamos aprendido para os dias da intifada tinham de ser revistos. Convencemo-nos de que se nos mantivéssemos longe de certas zonas e nos deslocássemos apenas pelas estradas que considerávamos “seguras”, nada aconteceria. Eu e o Lindell decidimos substituir os vidros da

nossa carrinha com Plexiglas, um acrílico inquebrável e à prova de bala. Até perguntámos aos nossos filhos se se queriam mudar para uma zona mais segura, mas eles concordaram em continuar no novo apartamento.

Deus não nos deixou naqueles dias traumáticos. Durante aquela semana, amigos e vizinhos passaram por nossa casa para nos encorajar e lamentar o sucedido. Trouxeram presentes para o Reuben, doces e brinquedos. Os pastores árabes vieram consolar-nos e orar connosco. Houve um derramar de amor e preocupação que trouxe cura ao nosso coração desanimado. O amor deles ajudou-nos quando explicámos ao Reuben porque é que desconhecidos sem rosto o consideravam o inimigo e queriam magoá-lo.

Através deste incidente, re-aprendemos como Deus pode transformar o mal em bem para os Seus propósitos. Tivemos oportunidade de partilhar com os nossos amigos descrentes como Deus interveio e impediu que os ferimentos não fossem mais graves. Deus levou-nos a perdoar em vez de dar espaço ao ressentimento e manteve-nos “Firmados como uma Rocha em Jesus”.



A Guerra do Golfo

1990 - 1991

Em Agosto de 1990, durante as revoltas da intifada, iniciou-se um conflito que afectaria todo o mundo, mas particularmente as pessoas que viviam no Médio Oriente. O presidente do Iraque, Saddam Hussein, invadiu o Kuwait e ameaçou começar uma guerra que seria o apocalipse que todos temiam. Nós estávamos no Chipre durante a invasão e quando regressámos a casa em Jerusalém encontrámos um clima de medo e ansiedade.

Os americanos que viviam na Jordânia sentiram imediatamente o aumento das tensões. Muitos árabes que viviam naquele país eram fortes apoiantes de Saddam Hussein e demonstraram abertamente tanto o apoio à invasão, quanto o antagonismo contra os americanos. Poucas semanas após o ataque ao Kuwait, a embaixada dos EUA pediu a todos os cidadãos americanos que deixassem a Jordânia. Naquela altura, a Igreja do Nazareno não tinha missionários no país.

Quando os nazarenos jordanos ouviram falar sobre a ameaça de Saddam Hussein de usar armas químicas contra Israel, entraram em contacto connosco, mostrando preocupação pela nossa

família e pelos nazarenos do distrito da Terra Santa. No início de Setembro, foi pedido aos cidadãos americanos que viviam em Israel que fossem muito cuidadosos e evitassem viajar pela Cisjordânia. Ninguém sabia o que esperar.

A Jordânia enfrentou um enorme problema de refugiados. Jordanos e palestinos que viviam e trabalhavam no Kuwait, Iraque e no Golfo, começaram a regressar. Também milhares de iraquianos de origem cristã fugiram para a Jordânia. As igrejas evangélicas viram a enorme necessidade de cuidar destas pessoas e formaram uma coligação para ajudar.

Um dos nossos pastores nazarenos, Afeef Halasah, foi convidado a coordenar este novo ministério de compaixão. As igrejas da Jordânia e os Ministérios Nazarenos de Compaixão⁴ fizeram doações para ajudar com o problema dos refugiados. A coligação evangélica, responsável por uma das “cidades das tendas”, forneceu mais do que comida e abrigo a estes homens, mulheres e crianças. Também distribuiu folhetos evangelistas e apresentou o filme *JESUS* a milhares de pessoas. Quando foi necessário providenciar alojamento temporário a alguns dos refugiados, a escola Nazarena em Amã acolheu algumas famílias nos quartos disponíveis.

A Divisão de Missão Mundial (agora Missão Global) começou a telefonar regularmente para nos informar que estavam preocupados e estavam a orar por nós. A cada semana, as tensões aumentavam. O som das explosões e o zumbido constante dos aviões de caça fez-nos perceber que a força aérea israelense se estava a pre-

4 Afeef Halasah tornou-se o primeiro coordenador dos Ministérios Nazarenos de Compaixão do campo Mediterrâneo Oriental em 1992 e desenvolveu o Programa de Padrinhos no Médio Oriente, que ajuda milhares de estudantes carenciados que frequentam as escolas nazarenas. Em 1996, fundou uma organização missionária chamada AFTA.

parar para a guerra. Naquela altura, a Brittany estava a estudar no ensino secundário na escola americana, perto de Tel Aviv, e vivia no dormitório Batista para filhos de missionários durante a semana. Como a embaixada dos EUA apoia esta escola, esperávamos que mantivessem os alunos e as famílias informados. Mas depressa percebemos que ninguém sabia o que esperar ou o que fazer, caso houvesse um ataque químico.

Rimo-nos quando lemos uma carta da escola a avisar os pais que um equipamento de vigilância sofisticado daria um aviso 5 horas antes de um ataque com armas químicas. Os pais teriam tempo de ir à escola buscar os filhos e encontrar um local seguro. Nós sabíamos que se os mísseis fossem disparados, o caos instalar-se-ia e seria impossível ir a lado algum.

Os nossos filhos estavam preocupados, mas houve uma manhã particularmente inquietante. Foi no mesmo dia em que o governo anunciou que seriam distribuídas máscaras de gás a todos os habitantes. A Lindsey, a Erin e o Reuben estavam sentados na sala de aula da Escola Anglicana em Jerusalém quando as sirenes do ataque aéreo iminente soaram. Os professores agarraram nos estudantes no meio da confusão e apressaram-se para o bunker. Alguns alunos começaram a chorar. Ninguém sabia o que fazer. Felizmente, o alarme tinha disparado acidentalmente enquanto estava a ser reparado. O incidente tornou a gravidade da situação uma realidade para as crianças.

Em Novembro, a esperança de uma solução pacífica estava a desaparecer. Recebemos um telefonema do Dr. Robert Scott, então director da Divisão de Missão Mundial, dizendo-nos que o Comité de Gestão de Segurança tinha decidido que deveríamos

deixar Israel para um lugar mais seguro e esperar lá até que a crise acabasse.

Quando dissemos aos nossos filhos que talvez precisássemos de partir, eles choraram e imploraram-nos que não os obrigássemos a ir. Eu e o Lindell sabíamos que ainda nenhuma outra organização missionária tinha evacuado o seu pessoal. Se partíssemos naquele momento, seríamos uma das primeiras famílias a partir. Como é que podíamos deixar os nossos pastores e congregações? Orámos juntos em família, e concordámos que pediríamos para ficar. Após uma longa conversa por telefone, o Dr. Scott e o comité convenceram-se de que deveríamos esperar. No entanto, concordámos em sair se a Embaixada dos EUA aconselhasse os cidadãos americanos a deixarem o país ou se outras juntas missionárias evacuassem os seus missionários.

Havia algo de surreal na possibilidade de uma guerra com armas nucleares, mísseis de longo alcance e bombas “inteligentes”. Este tipo de guerras acontecia nos ecrãs de televisão, não no país onde morávamos. Apesar de confiantes na decisão que tomámos, pensávamos sobre o que faríamos se a guerra irrompesse. Nós não queríamos pôr em risco a vida dos nossos filhos. Orámos muito e ouvimos todas as notícias que encontrámos.

Nas celebrações e festas de Natal, quase todas as conversas se centravam na probabilidade de haver uma guerra. Algumas famílias deixaram o país durante as festas, planeando estender as suas licenças caso a guerra começasse. A cidade estava sem turistas. A guerra pairava sobre ela como uma nuvem ameaçadora. Espalhou-se o rumor de que as Nações Unidas estavam a evacuar os dependentes dos seus funcionários. Chegara a hora de pelo menos

reservar bilhetes numa companhia aérea; isto fazia parte da nossa promessa.

Um dia depois de reservar lugares num voo para o Chipre, a rádio israelita divulgou uma longa lista de companhias aéreas que estavam a cancelar voos para Israel. A Cyprus Airways era uma delas. As poucas companhias que ainda tinham voos de e para Tel Aviv, tinham listas de espera com centenas de nomes.

Os nossos filhos mais novos, o Reuben, de oito anos, e a Erin, de 10, começaram a fazer perguntas que revelavam que estavam a ficar com medo. E se eles não soubessem usar as máscaras de gás? E se eles estivessem na escola quando algo acontecesse? A Lindsey, estudante do 8º ano, e a Brittany, 11º, continuavam resolutas em ficar. Num momento estávamos confiantes que não deixaríamos o país e umas horas depois, decidimos que tínhamos de partir, pelo bem dos nossos filhos. Parecia que qualquer que fosse a nossa decisão, estaria errada.

Parecia que qualquer que fosse a nossa decisão, estaria errada.

Eu disse a uma das nossas amigas mais próximas que se não fosse encontrada uma solução pacífica, provavelmente teríamos de deixar o país. O seu rosto encheu-se de tristeza e decepção. Eu não sabia o que dizer, mas finalmente perguntei: “O que sentes em relação a nós vai mudar se tivermos de partir?” Ela respondeu com mais perguntas: “E as pessoas aqui? E a Igreja?” Não havia resposta às suas perguntas e eu saí com o coração pesado.

Numa conversa final com o Dr. Scott, perguntámos se o Lindell poderia ficar em Israel se eu fosse embora com os nossos fi-

lhos. O Dr. Scott entendeu os nossos sentimentos confusos e disse-nos com simpatia: “Vou retirar-vos o fardo da decisão. Têm de sair.” O nosso agente de viagens telefonou para nos informar que a Olympia Airlines não tinha cancelado os voos para Tel Aviv e que ele tinha conseguido uma reserva para Atenas. De lá, poderíamos apanhar um voo para Lárnaca, no Chipre.

Em lágrimas, despedimo-nos dos nossos pastores e das suas famílias. Os rostos perturbados revelavam o medo que sentiam, mas confortaram-nos com as palavras: “Amamo-vos e entendemos”. Triste e cansada, a nossa família deixou o aeroporto de Tel Aviv num voo da meia-noite.

A meio da manhã estávamos a abrir as portas do Centro Nazareno no Chipre. O Eastern Mediterranean Nazarene Bible College tem um edifício totalmente mobiliado, que estava desocupado e disponível para nosso uso. No dia 14 de Janeiro, chegámos a Lárnaca e, no dia 18, às 2 horas da manhã, o primeiro míssil Scud atingiu Israel.

A nossa família dormia em frente à televisão e via os mísseis a voar pelo ar. Reconhecíamos os prédios e as ruas e perguntávamo-nos se algum dos nossos amigos teria ficado ferido. O Lindell ligou para o Butros

e para a Ramona Grieb, os nossos pastores em Nazaré. A Ramona atendeu o telefone com uma voz chorosa que revelou a exaustão das últimas horas. Não dormiam desde que o primeiro alarme disparou. Quando o primeiro míssil Scud foi disparado, o sistema de alarme falhou e a polícia andou pelas ruas com altifalantes para acordar e avisar as pessoas de que estavam sob ataque. A filha dos Grieb de sete anos começou a chorar e a de quatro

não queria colocar a máscara. A bebé foi colocada num berço de protecção especial, mas passava o tempo a chorar e a tentar sair. Sabíamos que eles estavam perturbados, assustados e cansados.

Depois dos primeiros ataques, todas as escolas em Israel e na Cisjordânia foram fechadas. Pelo menos os nossos filhos não estavam a faltar à escola, pensámos. A Brittany ainda estava zangada por ter sido obrigada a sair. Todo o mundo adulto a incomodava. As guerras eram coisas de adultos e ela ressentia-se do perigo e do transtorno que isso lhe trazia e às suas amigas. Os rumores de quanto tempo duraria a guerra variavam entre seis dias e seis meses.

Várias famílias missionárias de outras organizações também foram para o Chipre. O director regional Baptista pediu-nos que nos juntássemos aos seus missionários para uma conversa sobre o que tinha acontecido e como lidar com o stress inerente. Percebendo que todos precisávamos de estrutura nos longos dias que



Butros e Ramona

nos esperavam, eu e o Lindell oferecemo-nos para ajudar a montar uma escola para os filhos dos missionários, nas salas que estavam livres. Entrámos em contacto com as escolas dos nossos filhos e pedimos que nos enviassem as aulas por fax para as crianças.

Em Israel, o pânico daquelas primeiras semanas tinha diminuído e as escolas estavam a reabrir depois de duas semanas fechadas. Mas as pessoas ainda viviam com medo. Katy Tuma, esposa do pastor da igreja de Jerusalém, enviou-nos o seguinte fax:

Bom dia. Temos saudades vossas. Como estão? Aqui em Jerusalém está um pouco aborrecido; a maior parte das pessoas não sai de casa. Têm medo de sair. Já passaram duas noites e nada aconteceu, mas mesmo assim não dormimos muito bem. Ontem, o Nizar abriu a igreja, mas ninguém apareceu além de uma senhora. Orámos juntos e ela foi embora. Fomos até casa de uma das famílias da igreja para ver como estavam. Estavam quase todos presentes, por isso fizemos um culto doméstico com eles. O Nizar pregou a passagem de Isaías 43.

Ontem, fomos pela primeira vez às compras, mas só encontramos bananas no mercado da baixa da cidade. Depois procurámos na parte ocidental da cidade e encontramos tudo o que precisávamos, mas era muito caro. O ambiente geral do país é negativo; toda a gente está com medo. O exército diz que a ameaça ainda existe e que devemos andar com as nossas máscaras de gás sempre que saímos. O Nizar ligou para o Butros (pastor) e para o Nabil (director da escola Nazarena) em Nazaré. Eles estão bem. O Butros fez cultos ontem e diz que apareceram cerca de 60 pessoas. As pessoas querem orar, mas a maioria das outras igrejas tem medo de abrir.

Amamo-vos muito e sentimos a vossa falta. Obrigado por orarem. Sentimos as vossas orações a trabalharem em nós. Todos vos mandam cumprimentos e desejam o vosso regresso.

Com amor,
Katy e Nizar

Mesmo estando apenas a um voo de 45 minutos de distância, parecia que vivíamos noutra planeta. Fomos para a cama com os rádios sintonizados na rádio israelita para ouvirmos a transmissão dos avisos em caso de ataque iminente. Depois de um desses ataques, o Lindell ligou para o director da nossa pré-escola em Nazaré. Pensando que o ataque tinha terminado, ele queria saber se estava tudo bem. A voz de Nabil Hakim soou abafada e estranha quando ele disse ao Lindell: “Pode ligar mais tarde? Estamos sob ataque e com as nossas máscaras de gás.”



Crianças com máscaras de gás

Passou-se um mês e a guerra continuava. A Brittany começou a ficar inquieta e quis voltar assim que ouviu dizer que a sua escola reabriria. Implorou-nos que a deixássemos voltar com um missionário Baptista que tinha chegado de Israel para tratar de alguns negócios. O Reuben, de oito anos, estava preocupado com a partida da irmã e com o que deveria fazer. Uma noite, enquanto eu preparava o jantar, ele veio falar comigo. “Mamá”, disse ele, “quero voltar para Israel, mas não quero voltar se houver mais mísseis. Tenho medo que um deles acerte no nosso avião.” Eu sabia que ainda não podíamos voltar, assim como sabia que não podíamos mandar a Brittany para longe da família.

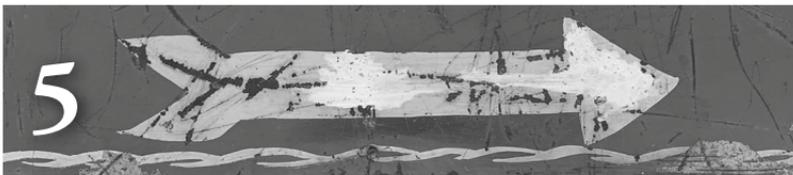
Pouco depois da Brittany ter pedido para voltar, a guerra terminou. Ao todo, foram disparados 39 Scuds contra Israel, mas apenas nove pessoas morreram na guerra.⁵ O pesadelo tinha terminado para os nossos amigos em Israel e a nossa família podia regressar a casa.

Quando a guerra terminou, estávamos no primeiro grupo de estrangeiros a regressar a Israel. Os nossos pastores, família da igreja e amigos receberam-nos calorosamente. Eles sabiam que tínhamos saído com o coração pesado, e o seu espírito de entendimento ajudou a cicatrizar o nosso sentimento de culpa. A vizinha que questionou a nossa partida cumprimentou-nos com abraços e uma calorosa recepção. Os nossos filhos voltaram rapidamente à escola, embora muitos alunos não tenham voltado depois da guerra. De certa forma, a Guerra do Golfo mudou-nos. Já não sentíamos que a nossa casa era nos Estados Unidos; a nossa casa era o

5 Apenas uma pessoa morreu como resultado directo do atentado. Os outros morreram de ataques cardíacos ou asfixia pelo uso incorrecto das máscaras de gás.

pequeno apartamento nos subúrbios de Beit Safafa, em Jerusalém. O nosso “lar” era onde Deus nos chamava para estar.

Nota do Editor: Apesar de terem crescido num contexto político-social instável, os filhos do casal Browning sentem que a sua experiência no Médio Oriente lhes deu uma perspectiva global inestimável. Os pais encorajavam-nos a ter amigos israelitas e árabes, o que lhes ensinou o valor de ouvir as histórias e perspectivas das pessoas. Já em adultos, a experiência no estrangeiro deu-lhes recursos para aprimorar aptidões nas suas várias profissões. A Brittany mora no estrangeiro e trabalha como orientadora numa escola internacional. A Lindsey é assistente social e usa as suas aptidões para trabalhar com adolescentes problemáticos. A Erin é missionária Nazarena e serve na Europa. O Reuben é editor de pós-produção e trabalha para produtoras de documentários.



Trocar o Crescente pela Cruz

1991 - Presente

Uma ambulância passou a alta velocidade por nós enquanto conduzíamos na estrada principal de Belém. Quando parou no posto de controlo, reconheci o crescente vermelho pintado na lateral. O crescente, símbolo da religião islâmica, cercava a cruz vermelha, conhecida e associada ao trabalho humanitário em todo o mundo, dando-lhe uma aparência muito diferente.

Enquanto esperávamos na fila pela verificação dos nossos passaportes, pensei numa amiga que era muçulmana e participou numa conferência cristã comigo e com o Lindell e outros nazarenos do nosso campo. Aproveitando a liberdade de não estar no seu ambiente islâmico, ela pediu uma cruz de ouro emprestada e usava-a ao pescoço. A cruz simbolizava a mudança que Cristo trouxe à sua vida. Ela e muitos outros crentes muçulmanos⁶ trocaram o crescente pela cruz. Enquanto esperava no posto de controlo, orei

⁶ Em inglês, os convertidos do islão ao cristianismo são comumente apelidados de “crentes muçulmanos”, porque “muçulmano” pode ser um termo tão cultural quanto religioso. Em português é mais adequado dizer “crentes árabes”. A frase não significa que ainda praticam as suas antigas crenças islâmicas.

por ela e pelos muitos crentes muçulmanos que estão espalhados pelo mundo.

A maioria dos membros da Igreja do Nazareno do Médio Oriente vêm de origens ortodoxa grega ou católica romana; apenas alguns são convertidos do islão. A pena para os convertidos do islão ao cristianismo é muito severa. Na verdade, na maioria dos países do Médio Oriente é ilegal um cidadão converter-se ao cristianismo. Mesmo que não seja uma conversão pública, a pessoa corre o risco de enfrentar rejeição, punição física e, em circunstâncias extremas, morte.

Em 1991, o Lindell foi convidado a trabalhar com as nossas igrejas no Egito, um país árabe cuja população é 90% muçulmana. Na sua primeira visita, um dos líderes da igreja encontrou-se com ele no hotel e deixou-lhe o aviso: “Tenha cuidado, estamos a ser vigiados”. Os extremistas islâmicos estavam a perseguir e a matar cristãos, apesar dos esforços do governo para controlar a violência. A igreja tem motivos para ser cautelosa. Mas também tem motivos para se alegrar.



Homem a orar na mesquita

A perseguição da igreja trouxe avivamento e houve um movimento do Espírito de Deus entre os muçulmanos no Egito. Ouvimos histórias de como jovens e adolescentes foram obrigados a sair de casa porque as suas famílias se recusavam a aceitar a sua fé em Jesus Cristo. Eu e o Lindell tivemos a

benção de poder visitar alguns desses crentes. Muitos contavam as mesmas histórias sobre as dificuldades que enfrentaram.

Um jovem chamado Musa, contou-nos que foi preso por ser considerado um inimigo do estado. Apesar de brutalmente interrogado e torturado, ele recusou-se a negar a sua fé. Os outros prisioneiros observaram-no a ser perseguido, sem saber que ele era um crente. Quando o viram a ler uma Bíblia que tinha sido trazida por amigos, ficaram perplexos. Porque é que ele, muçulmano, queria ler a Bíblia? Musa respondeu às suas perguntas, falando da liberdade que tinha encontrado em Cristo. Após semanas na prisão, ele foi liberto.

Várias igrejas na Europa e nos EUA convidaram Musa, e outros irmãos crentes, a compartilhar as suas histórias de perseguição. Mas eles, educadamente recusaram os convites. Eles sabiam que, se deixassem o país, não seriam autorizados a entrar. Deus desejava que eles mantivessem o ministério na comunidade muçulmana no Egito.

Uma das formas nas quais este ministério se apresenta, é na manutenção de casa seguras; lugares onde os crentes muçulmanos podem esconder-se da polícia secreta. Estes crentes não têm possibilidade de trabalhar, nem de pagar a comida e abrigo que lhes é dado. Os crentes egípcios que disponibilizam as casas seguras, consideram-se abençoados e felizes por Deus lhes ter dado este ministério.

Eu e o Lindell ficámos a saber que muitos dos egípcios convertidos do islão ouviram falar de Deus pela primeira vez na universidade. As conversas sobre assuntos sociais e políticos, muitas vezes levavam a diálogos sobre religião. O que permitia aos estudantes

cristãos falar sobre Jesus. Antes de convidarem novos estudantes para os encontros de comunhão cristã, os estudantes cristãos oram por discernimento, para que convidem apenas aqueles que sinceramente querem saber mais sobre Cristo. Um destes encontros teve mais de trinta jovens que experimentaram um novo nascimento em Cristo.

Durante o nosso tempo no Médio Oriente, conhecemos vários crentes de contexto muçulmano.

Abed, nasceu num lar muçulmano muito influenciado pela sociedade islâmica e afectado pela guerra civil na sua terra natal. A cidade de Beirute tinha sido praticamente destruída, particularmente na zona onde a família de Abed morava. Por causa dos conflitos, a família decidiu deixar aquela zona em busca de um local mais seguro para viver.

Enquanto procurava uma nova casa, o pai dele matriculou-o numa escola onde teria aulas de religião islâmica. O professor, um muçulmano muito perspicaz, exigia que os alunos recitassem o *Alcorão*, o livro sagrado do islão. Explicando-lhes que era através da recitação diária das passagens, que encontrariam perdão e receberiam muitas recompensas. Até lhes ensinou a calcular o número de recompensas que poderiam acumular.

O pai de Abed estava igualmente preocupado com o futuro do seu filho e queria que ele estivesse numa escola onde pudesse aprofundar os seus conhecimentos de inglês. Portanto, quando chegou ao 7º ano, Abed foi transferido para a escola Nazarena no bairro Sin il fil, em Beirute. Era de conhecimento geral que todas as crianças, até as não cristãs, tinham de participar nos cultos da capela da escola, e de fazer as disciplinas de educação religiosa. A

capela da escola tinha horários diários, e foi aqui que Abed começou a ouvir sobre Jesus. O pastor Nazareno falava frequentemente na capela e convidava todos os estudantes a participarem nas atividades e reuniões de jovens.

Os seus colegas, Johnnie e Gabby, encorajavam Abed a assistir aos cultos, e tentavam explicar-lhe tudo o que estava a ouvir. Quando a igreja acolheu um avivamento jovem, Abed decidiu que iria participar, mais por estar curioso do que por ter um coração buscante. Ele questionou-se: “Mas o que é que é um avivamento jovem?”

Ele sentiu-se tocado pelas várias pregações, e a sua mente curiosa estava empenhada em prestar atenção a estas histórias que ele não conhecia. A pregação sobre a crucificação de Jesus entre dois ladrões e o diálogo de Jesus com um deles, impressionou-o. Quando chegou a casa, tentou dormir, mas agarrou num livro, a *Bíblia Sagrada*, que o seu professor da escola Nazarena lhe havia dado. Abriu naquela passagem para ler a história outra vez. Ele leu e releu. “Como é que um criminoso poderia encontrar a salvação?”, perguntava-se. Se até aquele pecador podia, com certeza ele também. Ele não sabia como responder.

Com aquela pregação em mente, ele fez a mesma oração que o ladrão. Ele pediu a Jesus que o recebesse, Abed, um pecador, e entregou a sua vida a Cristo. Não havia nada que o afastasse da

“Como é que um criminoso poderia encontrar a salvação?”, perguntava-se. Se até aquele pecador podia, com certeza ele também. Ele não sabia como responder.

igreja a partir daquela noite. Ele não contou aos amigos sobre a sua nova fé, mas eles viram a mudança na sua vida.

Quando Abed se tornou seguidor de Cristo, passou a ir à igreja tanto quanto possível. Estava tão envolvido, que queria fazer parte de tudo. Nenhuma tarefa na igreja era indigna dele. Até teve aulas de piano para tocar na igreja quando fosse necessário. A turma do 8º ano daquele ano viu coisas incríveis acontecer. Oito dos quinze estudantes tornaram-se seguidores de Cristo. O pai de Abed também notou a diferença no seu comportamento e atribuiu isso aos seus novos amigos. “Mantém esses amigos, meu filho, eles fazem de ti uma boa pessoa”, disse a Abed.

“Deus é Aquele que é Generoso comigo”, testifica Abed. “Ele deu-me bons amigos e uma ótima igreja. Um dos maiores presentes que Deus me deu é um pai maravilhoso, que me permite seguir o meu coração. Mesmo que ainda não saiba que sou um seguidor de Jesus Cristo, ele acolhe e aceita todos os meus amigos cristãos e permite que eu vá à escola Nazarena e à igreja. ”

Os novos seguidores de Jesus de origem não cristã enfrentam muitos desafios quando chegam à fé. O mais comum é a rejeição da família e comunidade. No mundo árabe, há um grande respeito pelos pais e uma grande lealdade à família. Era importante para Abed manter um relacionamento próximo com o seu pai. “Como é que ele vai conhecer Jesus se sentir que o Senhor me roubou dele?”, pensava Abed. Se se pensa que um jovem deixou a religião islâmica, a sua liberdade pessoal pode ser reduzida e pode ser obrigado a envolver-se publicamente em actividades islâmicas, incluindo frequentar a mesquita com membros da família. Em

alguns países, a apostasia, ou o renunciar ao Islão, é um crime punível com a morte.

Os desafios que eles enfrentam não vêm apenas da sociedade islâmica, mas também da igreja ou de outros grupos de crentes, uma vez que estes têm dificuldade em aceitá-los. As suas motivações e sinceridade são muitas vezes questionadas, fazendo deles estranhos em ambos os grupos religiosos. Louvado seja Deus, porque Abed encontrou amor e aceitação na igreja e na escola Nazarena. O pastor orientou-o, e Abed tornou-se líder de jovens, não apenas na igreja local, mas também no distrito libanês e no campo Mediterrâneo Oriental.⁷ Ele serviu como representante de campo no Conselho Regional da JNI.

Depois de terminar o ensino secundário e enquanto estava na universidade, ele também se matriculou no Eastern Mediterranean Nazarene Bible College (agora Arabic Nazarene Bible College) e formou-se com um Diploma em Ministérios Pastorais. Também completou um Mestrado em Divindade no seminário Batista em Beirute, no Líbano, e um Doutorado em Ministério pelo Nazarene Theological Seminary em Kansas City, Missouri, EUA.

Tendo tido a influência de um pastor que o amava e sempre desejou que seguisse a vontade de Deus, Abed está agora comprometido com a educação e mentoria de jovens, ensinando futuros pastores e desafiando-os a responder à vontade de Deus e à chamada para o ministério. Hoje, Abed lecciona na Arabic Nazarene Bible College. “É a minha maior alegria ver outros jovens responderem à chamada para o ministério, porque vemos uma

7 O campo Mediterrâneo Oriental é composto pelos países do Médio Oriente na região da Eurásia.

grande colheita à nossa frente, e os trabalhadores para a apanha são poucos.”



Bem-aventurados os Pacificadores

1992

A Igreja do Nazareno em Nazaré é uma das igrejas mais fortes do Distrito da Terra Santa, e os ministérios de escola dominical e de jovens têm sido dois dos seus pilares. Quando começámos o nosso ministério em Nazaré, eu e o Lindell orámos para que Deus chamasse alguns dos jovens para o ministério. Era encorajador ver os adolescentes da igreja convidarem os seus amigos para assistir às reuniões de jovens e aos cultos dominicais.

Nizar Tuma foi um dos jovens que, uma vez apresentado à igreja, passou a frequentar todos os cultos. A família de Nizar era membro da Igreja Ortodoxa Grega e nunca tinham visitado uma igreja evangélica, nem conhecido nenhum cristão renascido. Nizar achou as pessoas amistosas e o ambiente acolhedor. Não sentia o mesmo na sua igreja, nem no grupo de jovens.

Quando os seus pais descobriram que estava a frequentar a Igreja do Nazareno, disseram-lhe para parar. Eles desconfiavam da igreja porque não a conheciam. Mas como Nizar tinha 18 anos e

trabalhava mais de 80 horas por semana, eles decidiram permitir que usasse o seu tempo livre como desejasse.

Alguns meses depois, Nizar respondeu à mensagem da salvação e aceitou Cristo como seu Salvador. As prioridades na sua vida começaram a mudar. Nizar contou à sua família, declarando que tinha tomado a decisão certa. Eles avisaram-no para ter cuidado e não deixar que a participação na igreja interferisse com o seu trabalho.

No Outono de 1985, o Lindell começou a dar aulas de teologia a vários jovens que tinham expressado interesse pelo ministério. Nizar queria participar nessas aulas, mas não sabia se conseguiria encurtar o seu horário de trabalho diário de 14h. Deus respondeu à sua oração e o seu chefe deu-lhe quatro horas de folga duas vezes por semana, sem redução de salário. Em 1986, Nizar aproveitou o período de férias para assistir às aulas sobre a Bíblia na Eastern Mediterranean Nazarene Bible College, em Lárnaca, no Chipre. No final daquele verão, ele sabia que Deus o estava a chamar para se tornar pastor.

Eu e o Lindell, começámos a orar para que Nizar encontrasse uma esposa nazarena e com uma fé forte. No nosso acampamento de verão, Nizar conheceu Katy, que frequentava a escola dominical nazarena na Cidade Velha de Jerusalém desde pequena. Ele começou a escrever-lhe cartas e a ligar-lhe todas as semanas; 14 meses depois, ficaram noivos. Quando Earl Morgan se aposentou como superintendente distrital e voltou para os Estados Unidos, mudámo-nos para Jerusalém. Foi decidido que Lindell seria superintendente distrital e ajudaria Nizar como pastor da Primeira Igreja do Nazareno de Jerusalém. Depois de se casarem, em Ou-

tubro de 1990, o Nizar e a Katy mudaram-se para o apartamento por cima da igreja.

O Nizar tem um sorriso largo que rapidamente deixa as pessoas à vontade. É um homem extrovertido, que usa o seu conhecimento linguístico de árabe, inglês e hebraico, para testemunhar às pessoas. Um dos seus maiores fardos tem sido ver a reconciliação entre judeus e árabes, e Deus tem-no usado neste ministério. Os cristãos sentem que o processo de reconciliação deve começar com os crentes e a liderança, por



Nizar Touma a pregar

isso os líderes em Jerusalém pediram a Nazir para ser a ponte entre crentes árabes e judeus messiânicos. É um ministério desafiador e gratificante.

No Monte das Oliveiras, há um edifício chamado Casa de Oração, dedicado à oração pelo povo do Médio Oriente. O edifício criou uma oportunidade para que os pastores árabes e judeus se unissem em tempos de intercessão. O Nizar participa nestas reuniões com frequência.

Uma noite, quando se encontraram e compartilharam o pão, o Nizar sentiu-se tão movido por um espírito de amor que quis mostrar aos seus irmãos no Senhor o quanto se importava com eles. Depois de fazer uma breve explicação, Nizar foi até à cozinha,

encheu uma bacia com água, pegou numa toalha e voltou para a sala. Ele pediu aos amigos que tirassem os sapatos e as meias; e começou a lavar delicadamente os pés de cada um. O amor ágape encheu a sala quando estes homens perceberam que realmente eram irmãos em Cristo. Quando Nizar terminou, um dos pastores judeus lavou os pés de Nizar. Embora tivessem opiniões políticas diferentes, eles estavam a experimentar a paz que Jesus traz aos Seus filhos.

As barreiras
são
derrubadas
e a
reconciliação
começa a
acontecer.

O Nizar também está envolvido com um grupo chamado Musalaha⁸, que organiza sessões de ensino e actividades sociais para promover a compreensão mútua e a amizade entre crentes de dois povos que estão em guerra há gerações. Muitos des-

tes jovens adultos chegam cheios de raiva e amargura uns para com os outros. Uma das melhores formas de os fazer entender a necessidade de perdoar tem sido levá-los para fora da cidade, para retiros no deserto. Nestas viagens, eles aprendem que precisam de confiar e depender uns dos outros para sobreviver. As barreiras são derrubadas e a reconciliação começa a acontecer.

Certa noite, quando o grupo se reuniu em volta de uma fogueira na margem do Mar Vermelho, começaram a confessar-se uns aos outros. O Nizar disse-lhes que também já pensara que os judeus não tinham qualquer direito de se tornarem seguidores de

8 Musalaha é uma organização sem fins lucrativos que promove e facilita a reconciliação entre israelenses e palestinos de diversas origens étnicas e religiosas, com base nos princípios bíblicos de reconciliação. <http://www.musalaha.org>

Jesus. Porque eles já O tinham rejeitado, há muitos anos. O Nizar pediu perdão por esta atitude. Outro jovem, que tinha servido no exército israelita, confessou a Nizar o seu ódio por todos os árabes. Enquanto servia na Cisjordânia, este soldado tinha sido cruel e maltratado os árabes. Ele abraçou Nizar, e perguntou-lhe se ele, como árabe, o poderia perdoar. A barreira da hostilidade foi derrubada.

Um dos momentos mais emocionantes, foi quando vinte famílias judaicas e árabes israelitas se juntaram na Jordânia para um tempo de comunhão com os crentes daquele país. Dois anos antes, ninguém teria imaginado que as fronteiras entre a Jordânia e Israel se abririam e que a Guerra Fria acabaria. O Nizar e a Katy faziam parte do grupo que atravessou a fronteira recém-aberta para poderem desfrutar deste tempo de alegria e comunhão. Encontraram unidade, enquanto judeus e gentios, na Nova Aliança instituída pelo sangue de Jesus.

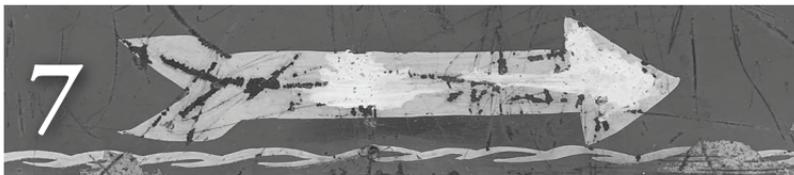
O Nizar tem usado os estudos adquiridos na escola bíblica para o ajudar a ensinar religião a rapazes palestinos que vivem num colégio interno em Beit Jalla. Estes jovens são filhos da intifada e têm em si muita amargura e ódio; a mensagem de reconciliação não é o que querem ouvir.

Numa escola a Norte de Jerusalém, o Nizar ensina hebraico a alunos do 9º e 10º anos. Quando começou a ensinar, ele perguntou aos alunos por que razão queriam aprender hebraico. Um disse que era porque o hebraico era uma língua bonita. Outro respondeu que achava que seria fácil de aprender, pois era semelhante ao árabe. Mas um rapaz zangado, respondeu: “Porque é a língua do nosso inimigo”.

Antes de começar a aula, Nizar disse aos seus alunos: “O único inimigo que vocês têm, é Satanás. Vocês têm de aprender hebraico para perceberem o povo com quem partilham esta terra. Jesus ensina-nos que não temos o direito de odiar nem de magoar aqueles que estão contra nós.”

O Nizar continua a usar os seus dons para Deus, na missão de espalhar a mensagem do Evangelho. Ele diz às pessoas que Cristo é a nossa paz e que, se O seguirmos, um dia seremos todos um.

Nota do Editor: Nizar Touma mudou-se para Nazaré em 1995, onde serve como pastor da Igreja do Nazareno naquela cidade, uma das maiores igrejas evangélicas de Israel. Ele serviu como presidente da Associação de Pastores de Nazaré entre 2010 e 2014, e é membro activo do conselho de Musalaha. “A sua dedicação à reconciliação entre crentes árabes e messiânicos mantém-se forte. Esporadicamente convida pastores judeus para pregar na sua igreja, e ele próprio prega em algumas igrejas messiânicas.” *<http://www.nazarene.org/article/nazarene-nazareth-we-are-light-world>*



Exilados da Babilónia

1992

Após o fim da Guerra do Golfo, os refugiados iraquianos continuaram a inundar a Jordânia. Alguns deixaram o país porque os bens essenciais tornaram-se inacessíveis ou indisponíveis. Outros fugiram porque tinham medo do futuro sob o comando de Saddam Hussein. Muitas destas pessoas eram de origem cristã e sofreram sob o domínio do islão. O futuro parecia sombrio e as pessoas estavam desesperadas.

Quando viajei para a Jordânia, estava ansiosa por conhecer estes refugiados. O que é que levaria alguém a deixar um emprego estável e o conforto da sua casa, por uma tenda ou um pequeno apartamento apinhado de gente? Uma jovem iraquiana da nossa igreja explicou-nos por que razão tantas pessoas fugiram da sua terra natal. Essencialmente, porque o objectivo principal do regime de Hussain era construir um estado islâmico forte e unido. Apesar de quase 95% da população do Iraque ser muçulmana, há um esforço organizado para enfraquecer a religião cristã. Uma cristã iraquiana foi questionada sobre se já tinha lido a Bíblia. A

sua resposta foi: “Que Bíblia? Só sabemos que nasceu alguém chamado Jesus.”

Os poucos cristãos que participavam em actividades da igreja, não sabiam praticamente nada sobre o cristianismo. O governo iraquiano impingia os seus ideais políticos e princípios islâmicos aos cristãos, através do ensino público. Tornou-se evidente que se alguém desejasse ter um futuro no Iraque, teria de aceitar as práticas do governo, incluindo as medidas que eram discriminatórias contra os não-muçulmanos. Os cristãos ficaram tão desanimados que estavam dispostos a dar um ano do seu salário para adquirirem as licenças necessárias para deixarem o país. A maioria das famílias não tinha meios para enviar todos os membros de uma vez; os maridos e as esposas, e até filhos e pais, ficariam separados durante meses, ou mesmo anos.

Eu e o Lindell estávamos orgulhosos das nossas igrejas na Jordânia. Os nazarenos estenderam a sua ajuda a estas pessoas de formas muito concretas, doando alimentos e oferecendo abrigo e agasalho. Perceberam que os refugiados também estavam espiritualmente famintos e convidaram-nos a participar nos cultos. Os nossos pastores e as suas esposas não abriram apenas as portas da igreja, mas também abriram as portas das suas casas e corações.

Um Abee é a viúva do Rev. David Nazha, que pastoreou a Igreja do Nazareno de Jabal Amman em Amã, na Jordânia, mais de 30 anos. Durante este tempo, ela liderou um estudo bíblico semanal que ministrava às mulheres da igreja, da mais jovem à mais velha. Mesmo depois da morte do marido, em Janeiro de 1991, pouco antes do início da Guerra do Golfo, ela continuou com as reuniões. Quando os refugiados iraquianos começaram a partici-

par nos cultos da igreja, ela aproveitou para convidar as mulheres para o estudo bíblico.

Ester, era uma das mais fiéis do grupo. Apesar de viver longe da igreja, raramente faltava às reuniões. Quando foi anunciado um retiro da igreja, ela sentiu o forte desejo de participar. Mas não podia deixar as suas filhas pequenas em casa, e não tinha como pagar a sua participação no retiro. Um Abee sentiu que Deus queria Ester naquele retiro e perguntou à junta da igreja se havia possibilidade de pagar a participação das meninas.

Aquele fim-de-semana tornou-se um momento decisivo na vida de Ester. O orador falou claramente sobre um relacionamento pessoal com Cristo, e o coração de Ester desejava conhecê-Lo dessa maneira. Depois de um dos cultos matinais, Um Abee convidou Ester a conversar com uma amiga; as três conversaram sobre as coisas que a perturbavam. Ester partilhou as suas preocupações e depois falou sobre o desejo que tinha de conhecer Jesus. Um Abee ouviu atentamente e disse: “Vamos orar sobre isto tudo.” Enquanto as mulheres oravam, Ester começou a chorar e também a orar.

De repente, ergueu os olhos e disse às duas mulheres com entusiasmo: “Acredito que o Senhor está comigo. Acredito que Ele abrirá um caminho. Acredito!” As mulheres regozijaram-se na doce presença de Jesus. Foram juntas para a reunião seguinte, onde Ester partilhou a mudança que sentiu na sua vida. Ela disse às pessoas que estavam no culto: “Não sei o que aconteceu, mas o meu coração mudou. Jesus está no meu coração.” Ela voltou para casa disposta a servir ao Senhor.

Ester mal podia esperar para contar ao marido, Esam, o que acontecera no retiro. Às vezes ele ia consigo à igreja do nazareno; ela sabia que ele estava à procura de um significado para a sua vida. Amava-o profundamente, ainda mais por tudo que sacrificara por si.

Às vezes, ele e a sua esposa liam a Bíblia juntos procurando uma forma de dar significado ao caos ao seu redor.

Esam nasceu muçulmano e fez o inaceitável ao casar-se com uma mulher cristã. O Iraque tinha as mesmas leis de outros países islâmicos - um homem muçulmano só se pode casar com uma mulher cristã se ela se converter ao islão. O casamento apenas é permitido se a noiva recitar o credo *shahadi*⁹. Ester fê-lo, mas manteve a sua herança cristã. Sempre que possível frequentava a igreja

católica e, às vezes, Esam ia com ela.

Esam estava desiludido com o islão e procurava respostas no cristianismo. Às vezes, ele e a sua esposa liam a Bíblia juntos procurando uma forma de dar significado ao caos ao seu redor. Quando a polícia secreta soube que Esam frequentava uma igreja cristã esporadicamente, ameaçaram-no com a perda do seu emprego.

Esam, engenheiro, tinha um bom salário que lhe permitia dar à sua mulher e filhas uma boa casa. Mas nada disso era importante para ele. Estava cansado de viver sob as restrições do Iraque. Depois da guerra, a família queria sair e tinha dinheiro suficiente para pagar os vistos. Ester e as filhas foram autorizadas a sair; Esam, por outro lado, por ser muçulmano, não foi autorizado a

9 A promessa ao profeta Maomé.

sair do Iraque. Mas isso não o impediu. Apesar do perigo, ele fugiu do Iraque para a Jordânia sem qualquer autorização.

Esam notou uma mudança em Ester após o retiro. Ela estava cheia de alegria ao contar o que acontecera. A partir daí ele começou a participar com ela em quase todos os cultos. Na igreja havia um piano e um órgão, mas muitas vezes não havia ninguém para tocar. Ester contou a Um Abee que, no Iraque, o marido tocava viola e piano em casamentos e celebrações. Esam não conhecia nenhum hino, mas ela podia dar-lhe um hinário e ele podia aprender e praticar para tocar no culto.

Esam concordou e começou a praticar. Às vezes chegava à igreja duas horas antes do culto para praticar no órgão. Alex Abugazell era o líder do louvor e também decidiu chegar mais cedo para ajudar Esam a aprender os hinos. Durante estes ensaios, eles começaram a falar sobre o Senhor. Esam contou ao Dr. Alex que se tinha sentido atraído a Cristo ainda no Iraque. Pouco tempo depois de Ester regressar do retiro, eles oraram juntos para que Cristo entrasse no seu coração.

Ester e Esam raramente faltavam a um culto. A música do órgão era linda e a congregação adorava ouvi-lo tocar. Ester nunca teve vergonha de orar nos cultos ou de dar o seu testemunho. Eles amavam profundamente igreja.

Quando as filhas começaram a frequentar uma escola cristã para refugiados iraquianos, disseram-lhes que toda a família deveria frequentar a igreja que administrava a escola. Esam explicou ao director da escola que isso não seria possível, porque eles frequentavam a Igreja do Nazareno de Jabel Amman. O director enviou uma mensagem a Ester e a Esam, ameaçando expulsar as meninas

da escola se a família não frequentasse aquela igreja. Quase nenhuma outra escola aceitava crianças iraquianas; era uma preocupação séria. Mas Esam manteve-se firme e disse ao director da escola: “Não vou mudar de igreja por causa das minhas filhas”. A administração reverteu a sua decisão e permitiu que as meninas permanecessem na escola.

No Iraque, o facto de Esam ser funcionário público providenciava-lhes um estilo de vida bastante confortável, mas, na Jordânia, a situação era diferente. Mesmo assim, foram mais afortunados do que muitos, porque não tinham usado todas as suas poupanças para adquirir os vistos. Quando deixaram o Iraque, planeavam ficar na Jordânia apenas algumas semanas. Ester tinha família na Austrália, para onde esperavam imigrar o mais rápido possível.

Esta viagem não seria fácil. Todos os membros da família precisavam de passaportes novos, mas como Esam deixou o Iraque de forma ilegal, não podiam recorrer à embaixada. Outra opção seria pedir passaportes à Jordânia, mas sendo Esam de uma família muçulmana e Ester de uma família cristã, eles sabiam que o governo não lhes daria passaportes. O caso foi apresentado ao departamento das Nações Unidas que lida com problemas de refugiados. Após revisão, as Nações Unidas aceitaram o pedido de documentação especial. Ester mal podia esperar para contar a Um Abee e à igreja inteira o que o Senhor tinha feito. Poucos meses depois, a família viajou para a Austrália e uma das primeiras coisas que fizeram foi procurar uma igreja.

Um Abee sente muito a falta de Ester e Esam, e adora contar como Deus trabalhou nas suas vidas. Depois de se instalarem na Austrália, Ester escreveu a Um Abee: “Agradecemos ao Senhor

porque nos mostraste o caminho certo para conhecer Jesus. Não teríamos encontrado o Senhor se não tivéssemos ido a esta igreja. ”

A igreja é um abrigo para aqueles que estão cansados e abatidos num mundo caótico e pecaminoso. Às vezes, aqueles que precisam de refúgio não têm condições de ir a uma igreja. Estão retidos em bunkers, presos em celas de prisão, ou mesmo confinados em sua própria casa. Mas Deus providencia aos que são Seus, eleva-os acima do desânimo e das provações da vida. “Porque no dia da adversidade me esconderá no seu pavilhão; no oculto do seu tabernáculo me esconderá; pôr-me-á sobre uma rocha.” (Salmo 27:5)



Por Entre o Fogo

1994

Atendi o telefone que estava a tocar, feliz por ouvir a voz do Lindell. Estava a ligar-me da Jordânia, onde tinha acabado de chegar depois de ter realizado uma assembleia distrital num dos países vizinhos.¹⁰ Durante aquela viagem, o superintendente geral, William Prince, ia encontrar-se com Lindell numa cidade do Norte, para realizar a assembleia. Nenhum deles esperava que fosse um encontro corriqueiro, porque um dos ministros ordenados daquele distrito estava preso por acusações falsas. Durante a assembleia, eles planeavam passar grande parte do dia em intercessão pelo pastor.

A primeira coisa que o Lindell me disse foi: “Tenho notícias maravilhosas!”. O irmão Gabriel foi liberto. Saiu no mesmo dia da assembleia e nós decidimos celebrar em vez de tratar dos assuntos previstos.” Quando o Lindell, o Dr. e a Sra. Prince e Franklin Cook, director regional da Eurásia naquela altura, entraram em

¹⁰ Israel não tem relações diplomáticas com vários países do Médio Oriente, e não existia nenhuma ligação telefónica ou postal naquela altura. Eu e o Lindell podíamos contactar-nos durante as visitas a alguns distritos, e por isso eu estava sempre ansiosa por receber notícias dele durante as viagens.

casa do pastor anfitrião, estavam à espera de encontrar caras tristes e preocupadas. Em vez disso, encontraram uma mesa preparada para um banquete, cheia de iguarias árabes, servidas apenas em ocasiões especiais. Eles foram recebidos com as palavras: “Adivinhem quem vem jantar! O irmão Gabriel acabou de ser liberto.”

Num dia quente de Julho de 1994, o irmão Gabriel saiu da sua casa numa longa viagem até à cidade para comparecer em tribunal. Foi-lhe pedido que prestasse um depoimento numa matéria legal, uma confusão sobre o registo de propriedade. Mas as perguntas tomaram uma direcção que ele não esperava, e no final, deu por si condenado à prisão.

O irmão Gabriel manteve-se calmo e conseguiu pedir o seguinte: “Se eu tenho de ir para a prisão, não me ponha com assassinos e ladrões. Vossa Excelência sabe que não cometi nenhum crime.” Surpreendentemente, Gabriel foi enviado para uma prisão relativamente limpa e organizada. Ele tinha dificuldades em dormir, porque a sua cama estava num corredor movimentado. Um dos prisioneiros mais jovens percebeu a situação e insistiu para que Gabriel dormisse na sua cama, numa sala pequena; ele ficaria com a cama do corredor.

Quando soubemos que o irmão Gabriel tinha sido preso, ficámos muito preocupados. Não havia nada em concreto que eu ou o Lindell pudéssemos fazer para o ajudar. Mesmo que conseguíssemos vistos para o visitar, a nossa presença, dois americanos, podia tornar a situação ainda mais difícil para o irmão Gabriel. Ele era um homem alto e bonito, nos seus 50 anos, mas não estava bem de saúde naquela altura. Perguntámo-nos como suportaria as dificuldades da vida na prisão. Foi enviado um pedido urgente para

a Prayer Mobilization Line da Sociedade Nazarena de Missões Mundial, agora Missões Nazarenas Internacionais, mobilizando nazarenos de todo o mundo para orar pela sua libertação.

A grande preocupação de Gabriel enquanto estava na prisão, era o fardo que a sua esposa e a igreja carregavam. Silwa, a sua esposa, ficou chocada quando soube que o tribunal tinha mandado o marido para a prisão. Ela clamou a Deus, questionando-O como algo assim poderia acontecer a alguém que O servia tão fielmente há tantos anos - a igreja precisava dele. Ela sabia que as pessoas que mentiram sobre o seu marido e o mandaram prender poderiam trazer problemas à igreja. A junta da igreja organizou imediatamente um tempo especial de intercessão pelo irmão Gabriel. Todas as manhãs iam à igreja e oravam pela sua libertação. Aquelas reuniões de oração tornaram-se numa fonte de força para Silwa.

Ela visitava o marido semanalmente, mas as visitas eram extremamente cansativas, tanto física como emocionalmente. A viagem durava quatro horas de autocarro ou de táxi e quando chegava à prisão, Silwa tinha apenas algumas horas com o marido. Ela nunca pensou ser possível visitar o marido numa prisão; afinal, estava casada com um pastor. Nada a preparou para a humilhação e para o desalento que sentiu, enquanto esperava na fila com os outros visitantes, antes de ser interrogada e revistada.

A primeira visita foi a mais difícil. O seu marido, bem cuidado e decoroso, entrou na sala de visitas vestido com o uniforme sombrio da prisão. Conversaram através das grades. O irmão Gabriel tentou animá-la e nunca se queixou. Lembrou-a das palavras do salmo 23; Deus estava com ele naquele vale.

O Gabriel passou grande parte do tempo na prisão a ler a sua Bíblia. Ele pediu a Silwa que trouxesse mais Bíblias para distribuí-las pelos outros prisioneiros. Alguns começaram a ler a Palavra de Deus e faziam perguntas ao irmão Gabriel, o que lhe dava a oportunidade de que precisava para lhes contar sobre a mudança que Deus tinha feito na sua vida. Ele partilhou o seu testemunho e contou-lhes como Deus o salvou de uma vida de pecado.

O Gabriel nasceu num lar cristão de nome, mas os seus pais não eram crentes. O pai lutou contra o alcoolismo e morreu quando tinha apenas 45 anos. Apesar de ter presenciado a adição do pai, o Gabriel seguiu-lhe as pisadas, e tornou-se um adolescente alcoólico.

A vida mundana atraía o Gabriel e os seus planos eram tornar-se rico e poderoso. Um dos seus primos era crente e convidava-o a ir à igreja. Ele ia, esporadicamente, mas apenas porque gostava de discutir com o pregador sobre a existência de Deus. O primo não desistiu e convidou-o a ficar em sua casa uns dias quando o visitasse da próxima vez. O Gabriel aceitou, convencido de que teria liberdade para beber, se lhe apetecesse.

No primeiro dia, um pastor apareceu por lá a falar sobre Jesus e sobre o poder que Cristo tem para mudar as nossas vidas. É certo que a vida pecaminosa não o fazia feliz e o problema com o álcool estava a deixá-lo miserável. O pastor lembrou-o do que já sabia, que Deus queria perdoá-lo se ele confessasse os seus pecados.

Quando o Gabriel começou a discutir com o pastor, as palavras não lhe saíam. Ele sentiu-se convencido pelo Espírito Santo e em vez de discutir, arrependeu-se e pediu ao Senhor que o aceitasse. Houve uma mudança radical na sua vida daquele dia em

diante. Uma vez disse ao primo: “Quando acredito em algo, quero fazê-lo de todo o coração”.

O Gabriel voltou para casa e encontrou uma igreja do nazareno onde congregar. Ele começou a testemunhar pelo Senhor e ajudava nos estudos bíblicos e na escola dominical. Foi naquela igreja que ouviu sobre a santificação e sobre o poder que o Espírito Santo dá para viver uma vida santa. Ele consagrou a sua vida a Cristo e colocou-se à disposição para o ministério na igreja. Depois de estudar e servir na igreja, ele acabou por tornar-se pastor nazareno.

O Gabriel partilhou o seu testemunho da graça de Deus várias vezes na prisão. Alguns dos prisioneiros começaram a acreditar no poder de Jesus para mudar vidas. A história que o irmão Gabriel contava era bem diferente das outras histórias que ouviram. Eles costumavam entreter-se com histórias detalhadas sobre os crimes que tinham cometido, mas o irmão Gabriel contou-lhes sobre Aquele que ama os criminosos.

Silwa encontrou-se com um advogado para falar sobre a situação do Gabriel, que se dedicou imediatamente à sua libertação. Os dias transformaram-se em semanas e depois em meses. Silwa contactava o advogado quase diariamente, esperando ouvir boas notícias, mas a sua resposta habitual era: “Talvez na próxima semana”.

Certa manhã, durante o seu devocional matinal, Gabriel sentiu o Senhor dizer-lhe que se preparasse para ir para casa. Fez as malas e limpou o seu espaço, esperando ouvir que estava livre. Algumas horas depois, os guardas disseram-lhe que podia ir para casa.

Quando o irmão Gabriel finalmente se sentou e tomou uma chávena de café com o Lindell, contou-lhe o quanto a prisão o

afectara. Ele aprendeu a confiar mais em Deus. Depois disse-lhe que sentia um fardo ainda maior para dizer a todos quantos ainda são cativos do pecado que em Cristo há liberdade.

“Vou contar-lhes sobre a prisão da condenação após o Dia do Juízo”, diz o irmão Gabriel. “Que vão ficar aprisionados e longe dos seus entes queridos e de Deus, no Céu. A menos que se tenha estado na prisão, não dá para entender. Vou apelar aos que estão longe do Senhor para que se arrependam.”

Ao sair da prisão, o irmão Gabriel teve apenas um arrependimento. “Saí cedo demais”, disse ele. “O tempo que lá estive não foi suficiente, porque só consegui levar dois homens a Cristo.”

O Gabriel agradeceu a Lindell pelas orações dos seus irmãos e irmãs nazarenos em todo o mundo e deu-lhe as boas-vindas à mesa do banquete, onde falou a todos sobre a bandeira de amor e de protecção que Deus providenciou sobre ele.

Nota do Editor: o Gabriel ainda mora na Síria e é pastor da sua igreja.



Gabriel a celebrar com o superintendente geral William Prince



Alcançar a Lua

1991 - 2003

Apesar do trabalho da igreja do nazareno no Médio Oriente ter começado na década de 1920, foi apenas em 1991 que a transmissão de rádio nazarena começou. Percebendo que as principais áreas do mundo não evangelizadas são muçulmanas, a igreja do nazareno decidiu transmitir a mensagem das Boas Novas em língua árabe no Norte de África e no Médio Oriente. Em 1992, o Rev. Jacob Amari aceitou o cargo de director da transmissão de rádio árabe.

O programa transmitido levou horas a ser preparado. O irmão Jacob viajou para Monte Carlo para receber formação da Trans World Radio em produção de programas. As pregações eram gravadas e editadas para transmissões futuras e desenvolveu-se um método para dar seguimento às possíveis repostas dos espectadores. À medida que o primeiro dia de transmissão se aproximava, o evento foi divulgado junto das igrejas do nazareno do campo Mediterrâneo Oriental, encorajando-as a ouvir e a orar pela transmissão. A 1 de Abril de 1993, a primeira transmissão nazarena em árabe foi para o ar.

Ninguém sabia o que esperar. Infelizmente, o programa foi agendado para as 23:45, numa segunda-feira, fora do horário nobre. Ainda assim, recebemos bons testemunhos dos ouvintes nazarenos. Eles ficaram orgulhosos e satisfeitos por ouvirem a voz de um pregador nazareno na rádio.

Em apenas algumas semanas, o irmão Jacob começou a receber correspondência dos vários ouvintes. No início, a maioria das cartas vinha do Egito e da Jordânia. Muitos eram muçulmanos, interessados em saber mais sobre Cristo. Faziam perguntas sobre a crucificação de Cristo, às vezes desafiando as declarações do irmão Jacob com argumentos do islão. O irmão Jacob respondia às cartas o mais rápido possível e enviava literatura cristã a explicar o plano da salvação. Eu e o Lindell regozijámo-nos com a resposta ao programa de rádio nazareno.

O irmão Jacob desejava encontrar-se pessoalmente com algumas das pessoas com quem trocava cartas regularmente, e tinha certeza absoluta de que alguns muçulmanos eram verdadeiros seguidores de Cristo e aceitaram-no como seu Salvador. Muitas vezes, as suas cartas expressavam a solidão e isolamento que sentiam nos seus países.

Em países muçulmanos mais rígidos, as únicas igrejas com autorização legal para organizar cultos são as que mi-



Jacob Amari

nistravam a comunidades de expatriados. Estes eram americanos, europeus, indianos e asiáticos; poucos pertenciam à população local. Podiam até existir igrejas clandestinas, mas os novos crentes não as conheciam ou tinham medo de as frequentar. Em países como a Arábia Saudita, a conversão do islamismo ao cristianismo pode ser punida com a morte. O programa de rádio “A Voz do Nazareno” tornou-se a tábua de salvação espiritual para muitos dos ouvintes.

Cada vez que falávamos com o irmão Jacob, ele falava sobre visitar alguns desses países e encontrar os novos crentes que lhe tinham enviado cartas. Ele escolheu bem as suas palavras, quando conversámos ao telefone sobre a possibilidade de visitar o Iémen. Havia sempre a preocupação de alguém estar à escuta. Mesmo na privacidade da sua casa, o irmão Jacob falava em voz baixa e usava uma linguagem codificada. Eu e o Lindell sorriámos quando nos dizia: “Preciso de ir à Lua. Quando acham que será possível? Por que não vêm comigo?” Claro que sabia que eles não sonhavam tornar-se astronautas, mas estavam a planear uma viagem àquele país muçulmano.

Quase um ano depois da primeira transmissão, o irmão Jacob fez a sua primeira visita ao Iémen. Uma das ouvintes do programa era uma jornalista iemenita casada com um engenheiro. Ela e o marido convidaram o irmão Jacob para ficar em sua casa, porque queriam que as duas filhas aprendessem mais sobre o cristianismo. Enquanto ele as ensinava sobre Jesus, os pais estavam sentados por perto a ouvir. O pai orava a Alá cinco vezes ao dia, mas parecia interessado no ministério do irmão Jacob. Até disponibilizou o seu carro para o levar a visitar os outros ouvintes daquela cidade.

O irmão Jacob viajava muitas vezes de autocarro, cerca de oito horas, para visitar os ouvintes do seu programa de rádio. Para ele, era empolgante conhecer as pessoas de quem tinha recebido cartas. Certo jovem chamado Nihad, surpreendeu o irmão Jacob com o seu conhecimento da Bíblia. Ele sabia, dos estudos que tinha feito por iniciativa própria, que quando os discípulos seguiram Jesus, foram baptizados. E perguntou ao irmão Jacob se ele o baptizaria como seguidor de Cristo. Numa praia remota junto ao Mar Vermelho, Jacob baptizou Nihad. Depois de baptizado, ele pediu ao irmão Jacob que lhe contasse tudo sobre a Igreja do Nazareno. Ele enviou-lhe um livro simples, traduzido para árabe. Nihad abraçou a doutrina da igreja e orgulhosamente auto-denomina-se nazareno.

Outro ouvinte iemenita contactou o irmão Jacob enquanto este visitava a Jordânia. Ele explicou que morava e trabalhava na Arábia Saudita e todas as semanas ouvia o programa nazareno. Ele também queria ser baptizado; e o irmão Jacob organizou o seu baptismo numa das igrejas nazarenas em Amã.

Poucos meses depois, o irmão Jacob baptizou um terceiro cristão ex-muçulmano. Uma jovem iraquiana chamada Zayna, entrou em contacto com o irmão Jacob e perguntou se poderia encontrar-se com ele e com a sua esposa, Miriam, quando chegasse a Amã. Ela veio ao escritório com um crente iraquiano que estava ansioso para que alguém falasse com Zayna. Depois de Zayna explicar que estava a ouvir o programa há meses, disse ao irmão Jacob que sentia no seu coração uma fome de saber mais sobre o cristianismo desde que era criança.

O irmão Jacob começou a explicar os ensinamentos da Bíblia, começando com Adão e Eva e terminando com Cristo. Ela perguntou-lhe como poderia tornar-se cristã e oraram juntos no escritório dele. Ele convidou-a a frequentar uma das igrejas nazarenas. Pouco depois de se tornar crente, ela pediu para ser baptizada como testemunho da sua nova vida em Cristo.

Após a viagem do irmão Jacob à “lua”, ele começou a receber ainda mais cartas dos vários ouvintes. Em alguns meses chegavam a

cem. Era evidente que Deus estava a mover-se de maneiras milagrosas. O irmão Jacob disse que muitos muçulmanos sentem que a sua religião e os seus sistemas políticos não atendem às necessidades do povo. Nos países onde as guerras civis despoletaram, os governos não tiveram oportunidade de controlar a actividade cristã e, por isso, há mais liberdade para as pessoas observarem o cristianismo. O

Após a viagem do irmão Jacob à “lua”, ele começou a receber ainda mais cartas dos vários ouvintes.

nosso programa de rádio foi iniciado num momento estratégico e está a tocar a vida de centenas de muçulmanos em países que fecharam as portas aos missionários cristãos.

Após a sua primeira visita ao Iémen, os ouvintes escreviam ao irmão Jacob e perguntavam: “Quando é que volta de novo? Precisamos de o ver.” Portanto, concretizou-se uma segunda ida à “lua”. Desta vez, o objectivo do irmão Jacob era reunir os vários ouvintes de todo o país para um tempo de comunhão e oração. Com as malas repletas de literatura cristã e Bíblias, ele viajou para o Iémen.

Depois de se instalar num hotel, o irmão Jacob contactou Nihad e os outros crentes que conheceu na visita anterior. A maioria destes crentes eram jovens entre os 18 e os 30 anos. São crentes em segredo, porque praticam a sua fé em privado, e os problemas que enfrentam são semelhantes entre si. Só declaram publicamente a sua fé quando as famílias os tentam forçar a casar com alguém muçulmano. Mesmo sem a orientação e o apoio de uma igreja local ou de um pastor, eles sabem que é importante casar com alguém que partilha a mesma fé em Cristo. Os pais, furiosos, rejeitam a declaração de fé dos filhos e põem-nos na rua. E assim, vivem isolados da família e sem o apoio de uma comunidade de fé.

Mas o irmão Jacob decidiu mudar esta situação. Um a um, ele visitou ou ligou para os crentes que lhe tinham escrito, perguntando se poderiam viajar e encontrar-se na casa de um dos crentes para um tempo de comunhão. Reuniram-se mais de 23 pessoas e cumprimentaram-se com o afecto e a hospitalidade característicos da cultura árabe. Eles partilharam o seu testemunho de fé, oraram juntos e partiram como irmãos no Senhor.

Durante uma das nossas recentes visitas a Amã, o irmão Jacob orgulhosamente mostrou-nos fotografias desses jovens. Vimos a fotografia de um juiz iemenita que foi baptizado em criança. O pai era um crente em segredo e desejava criar o seu filho como cristão. O filho, já adulto, também crente em segredo, desejava educar a sua família com valores cristãos, mas casara-se com uma mulher descrente e estava preocupado com a possibilidade da sua esposa querer o divórcio se soubesse que ele era crente. O irmão Jacob encorajou-o a contar-lhe sobre Cristo, dando-lhe livros para

ler sobre Jesus e acabando mesmo por conversar com ela. “Aos poucos, levarás a tua família a Cristo”, encorajou-o.

Ele guardou as fotografias e tirou cuidadosamente um pedaço de tecido bordado da sua pasta. O artesão criara uma linda obra de arte com a cruz e o cordeiro, símbolos cristãos. Fios dourados costurados no padrão davam a ilusão de luz. Jacob contou-nos que o homem que criou aquela obra de arte era dono de uma loja de arte no mercado da cidade. Ele ganhava a vida como artesão, famoso pelos seus bordados de pendurar na parede. Aquele bordado tinha sido feito especialmente para o irmão Jacob. Ele disse-lhe, com orgulho, que simbolizava Cristo, a quem ele escolheu seguir.

Aos poucos,
levarás a tua
família a
Cristo...

À medida que o programa de rádio alcança o intocável mundo muçulmano, os seus seguidores espiritualmente famintos, encontram a paz e o perdão impossível no islão. O crescente islâmico está a ser iluminado pela luz da cruz.

Nota do Editor: Em 2003, Jacob aposentou-se do ministério da Rádio. Mas a obra não acabou. As pessoas começaram a assistir a mais televisão e a usar computadores, por isso foi necessário encontrar uma nova forma de chegar a estes países onde não podemos entrar.

Um artista jovem conhecido encontrou Cristo e foi discipulado por um dos pastores no Líbano. Ayman Kafrouny e a esposa, Grace, matricularam-se no Eastern Mediterranean Nazarene Bible College. Em pouco tempo ele sentiu que o Senhor o estava a orientar para deixar a música secular e a dedicar-se a cantar para

Cristo. A ideia de um ministério de televisão cresceu no seu coração e foi apoiado pela Nazarene Media and Broadcasting. O seu programa fez tanto sucesso que a MTV do Líbano convidou-o a fazer um programa diário para o período da quaresma até à Páscoa em horário nobre. Apoiado por um coro, ele cantou, partilhou o seu testemunho e pregou o Evangelho. Este programa continuou no ar, renovado anualmente, e através dele muitos chegaram a Cristo.

10

Exilados, Refugiados e Imigrantes: Encontrar Esperança em Cristo

1920 - Presente

Pois o Senhor, vosso Deus, é o Deus dos deuses e o Senhor dos senhores, o Deus grande, poderoso e terrível, que não faz acepção de pessoas, nem aceita recompensas; que faz justiça ao órfão e à viúva e ama o estrangeiro, dando-lhe pão e veste. Pelo que amareis o estrangeiro, pois fostes estrangeiros na terra do Egito. (Deuteronómio 10:17-19 ARC)

Quem é o estrangeiro? Hoje, há muitos nomes para descrever aqueles a que a Bíblia chama de peregrinos, estranhos e estrangeiros. Alguns são: deslocados, migrantes, imigrantes, requerentes de asilo, apátridos, visitantes, exilados e refugiados. Independentemente das palavras que existam para descrever o estrangeiro, o mandamento de Deus na Sua palavra descreve claramente como devemos lidar com estas pessoas. Devemos amar os outros como Cristo nos amou.

Desde o início do trabalho da igreja do nazareno no Médio Oriente, Deus falou aos corações dos missionários sobre as necessidades físicas e espirituais dos refugiados. Na década de 1920, os Krikorian, eles próprios refugiados arménios que viviam na América, solicitaram permissão e fundos para iniciar o seu ministério. Samuel Krikorian mudou-se para Jerusalém e começou uma escola diurna, na esperança de ajudar alguns dos milhares de refugiados arménios que deixaram a Turquia. Na década de 1950, os missionários e líderes da igreja abriram escolas em Zarqa e Amã, na Jordânia, em Beirute, no Líbano, e em Damasco, na Síria. A maioria dos alunos destas escolas eram refugiados palestinos¹¹. Os alunos frequentavam a escola para estudar, mas também ouviam sobre Jesus.

Décadas depois, outra onda de refugiados precisou de ajuda. Quando Saddam invadiu o Kuwait, milhares e milhares de iraquianos cruzaram as fronteiras da Jordânia, Líbano e Síria para encontrar abrigo em acampamentos ou apartamentos superlotados. As igrejas do nazareno nestes locais estavam prontas para ajudar com as necessidades destas pessoas desesperadas e marginalizadas. Os governos estavam dispostos a ajudar, mas não podiam fazer muito. ¹²O problema dos refugiados era um tão grande fardo para aquelas nações, que abriram as portas às igrejas e instituições cristãs e ao seu apoio.

11 Até 1948, a área da região geográfica no Sul do Levante entre o Mar Mediterrâneo e o rio Jordão (onde hoje estão Israel e a Palestina) chamava-se Palestina. Um palestino era qualquer pessoa que nasceu e viveu naquela área, independentemente da raça ou religião.

12 Organizações não-governamentais que se concentraram principalmente na assistência humanitária.

Apesar da grande maioria dos refugiados ser muçulmana, também havia cristãos entre os refugiados. Alguns aproveitaram o exílio para estudar teologia e prepararem-se para regressar ao seu país com as Boas Novas. A Igreja do Nazareno



Mãe e bebê à espera de ajuda

em Bagdad, no Iraque, foi fundada em 1994 por um refugiado que regressou à sua cidade natal. Outros refugiados cristãos foram líderes do ministério nazareno e de igrejas em campos de refugiados na Europa.

O mais recente movimento de refugiados começou quando a Primavera Árabe¹³ abalou e chocou o Médio Oriente. Milhares e milhares de pessoas fugiram para as fronteiras, na esperança de encontrar segurança. Desta vez, a Igreja do Nazareno no Médio Oriente tinha crescido não apenas em número, mas também na sua compreensão do que significa “amar o próximo”. Eles aprenderam que “para pregar o evangelho, é preciso ser o evangelho”. As nossas igrejas também desenvolveram líderes e aptidões para administrar programas de assistência e socorro com eficiência e dignidade.

13 A Primavera Árabe refere-se às revoltas democráticas que surgiram de forma independente e se espalharam pelo mundo árabe em 2011. O movimento teve a sua origem na Tunísia, em Dezembro de 2010 e rapidamente se estabeleceu no Egípto, Líbia, Síria, Iémen, Barém, Arábia Saudita e Jordânia.
https://www.sourcewatch.org/index.php/Arab_Spring

As escolas e igrejas nazarenas estão a abrir as portas para ajudar o maior número possível de refugiados. Não fornecem apenas comida e assistência médica, mas convidam-nos a participar nos

Eles aprenderam que “para pregar o evangelho, é preciso ser o evangelho”.

cultos, oram com eles e oferecem Bíblias e DVDs do filme *JESUS*. Contam-lhes sobre a história de Jesus, a Esperança, que os ama e conhece cada um pelo nome.¹⁴

A crise dos refugiados no Médio Oriente entrou no seu oitavo ano na Primavera de 2018. O fim desta grande tragédia humanitária não está à vista.

De acordo com o ACNUR, o Alto Comissariado das Nações Unidas para os Refugiados, a situação é terrível.

- Os sírios continuam a ser a maior população do mundo forçada a abandonar as suas casas, contando já com 3 milhões de pessoas no final de 2018. É mais da metade da população síria.
- Mais de 5 milhões de pessoas fugiram da Síria em busca de segurança no Líbano, na Turquia, na Jordânia e noutros países. No Líbano, onde residem mais de 1 milhão de refugiados sírios, não há campos de refugiados oficiais e aproximadamente 70% vivem abaixo do limiar da pobreza.
- Na Jordânia, mais de 660 mil refugiados sírios estão retidos em exílio. Aproximadamente 80%, vivem fora dos campos de refugiados; mais de 140 mil encontraram refúgio nos campos de Za'atari

14 Igreja do Nazareno, Eurásia. “Middle East church shares its heart with refugees.” Publicado a 7 de Março de 2017. NCN News. <https://nazarene.org/article/middle-east-church-shares-its-heart-refugees>

e Azraq. 93% dos refugiados na Jordânia vivem abaixo do limiar da pobreza.¹⁵

Jesus falou aos seus discípulos sobre a necessidade de ter compaixão em Mateus 25. As suas palavras continuam a ser relevantes para as igrejas hoje, não apenas no Médio Oriente, mas em todo o mundo.

“Porque tive fome, e destes-me de comer; tive sede, e destes-me de beber; era estrangeiro, e hospedastes-me; estava nu, e vestistes-me; adoeci, e visitastes-me; estive na prisão, e fostes ver-me. Então, os justos lhe responderão, dizendo: Senhor, quando te vimos com fome e te demos de comer? Ou com sede e te demos de beber? E, quando te vimos estrangeiro e te hospedamos? Ou nu e te vestimos? E, quando te vimos enfermo ou na prisão e fomos ver-te? E, respondendo o Rei, lhes dirá: Em verdade vos digo que, quando o fizestes a um destes meus pequeninos irmãos, a mim o fizestes.” (Mateus 25:35-40)

As escolas e igrejas nazarenas estão a abrir as portas para ajudar o maior número possível de refugiados.

15 USA for UNHCR. “Refugee Statistics.” USA for UNHCR <https://www.unrefugees.org/refugee-facts/statistics>



Epílogo Original

1996

Enquanto estava sentada no computador a trabalhar nos capítulos finais deste livro, em Abril de 1996, as notícias que ouvia no rádio chamaram a minha atenção. A organização terrorista apoiada pelo Irão, Hezbollah, estava a disparar mísseis Katyusha contra o Norte de Israel, e Israel estava a ripostar com ataques “cirúrgicos” no Sul do Líbano e na cidade de Beirute. Pensei imediatamente no Lindell. Ele e Louie Bustle, director da World Mission Division, iam fazer escala em Beirute naquele mesmo dia. Tanto quanto sabia, ainda estavam lá. Orei pela sua segurança e esperei ouvir notícias deles brevemente. Debati-me com a desilusão da deterioração do processo de paz. A esperança por um futuro melhor parecia dissipar-se à medida que os temperamentos iam aquecendo e uma paz fria parecia dar lugar a nenhuma paz. Lembrei-me de Romanos 8:28 — Deus usa todas as coisas para os Seus propósitos. Ele estava no comando.

Quando o Lindell ligou, cerca de 30 horas depois, contei-lhe como estava preocupada com a sua segurança depois de ouvir sobre os ataques israelitas em Beirute. Ele ficou chocado. Eles não sabiam de nada. Depois de alinharmos as nossas histórias, percebemos que eles tinham deixado a cidade umas horas antes dos ataques. O Lindell explicou que apanharam um táxi que os levou

do Líbano para a Síria e passaram a noite em Damasco. Na manhã seguinte apanharam outro táxi e chegaram a Amã, mesmo a tempo do Dr. Bustle falar no culto especial.

Claro que o Lindell estava ansioso por ouvir mais informações e rapidamente percebeu que mais de 200 mil civis libaneses tinham fugido de cidades no Sul do Líbano e viajado para o Norte à procura de refúgio em Beirute. Poucas horas depois de deixarem a escola nazarena em Sin El Fil, no centro de Beirut, milhares de pessoas chegaram àquele bairro. O director viu as tendas superlotadas ao redor da escola e decidiu ajudar. As aulas foram canceladas e as portas da escola abriram-se para abrigar 350 pessoas. A maioria dos “hóspedes” era de origem não cristã. Os Ministérios Nazarenos de Compaixão enviaram dinheiro para comprar cobertores e comida e, mais uma vez, um copo de água foi dado em nome de Jesus.

Mas não é tudo. Os membros da igreja organizaram um acampamento diurno para ocupar as crianças inquietas e assustadas. Foram distribuídos Novos Testamentos a toda a gente; mais de cinquenta pessoas participaram no estudo bíblico na igreja do nazareno mais próxima. Providenciou-se segurança e abrigo, e o nome de Jesus foi glorificado.

Os ataques pararam e o cessar-fogo foi negociado duas semanas depois. Os refugiados voltaram para as suas casas. Haverá com certeza outros ataques em qualquer ponto do Médio Oriente. Faz parte da paz que os governos e políticos oferecem. Mas Deus colocou um corpo de crentes fiéis que estarão lá para mostrar o caminho para o abrigo do Seu amor e verdade.



2019

Kay: Deixámos o Médio Oriente em Abril de 2014 e reconstruímos a nossa casa no estado do Indiana, EUA. Há tantas coisas das quais sinto falta: da diversidade cultural, das campanhas eleitorais que duram apenas três meses em vez de dois anos, das caminhadas pelas encostas de Jerusalém e de comer *pita quente*¹⁶ com humus acabado de fazer¹⁷. Claro que sentimos a falta das pessoas acima de tudo.

Lindell: Desde 2014, voltei ao Médio Oriente pelo menos quatro vezes. Nestas viagens, tenho a oportunidade de ver como Deus nos usou naquele tempo e agradeço a Deus ter podido formar e orientar líderes nativos. Dois anos antes de deixarmos o Médio Oriente, senti que Deus nos estava a libertar daquela responsabilidade. Contudo, não senti que o meu trabalho estivesse finalizado e por isso ficámos até termos a certeza que havia um líder nacional para nos substituir. Um dos nossos pastores, Khalil Halaseh, foi designado como o novo Coordenador de Estratégia de Campo, o cargo que eu tinha desocupado. Ele está a fazer um óptimo trabalho.

¹⁶ Pita é um pão achatado comum naquela região.

¹⁷ Hummus é uma pasta feita com puré de grão de bico.

Kay: Como é que as igrejas têm lidado com os desafios dos últimos cinco anos?

Lindell: As crises de refugiados que estão a acontecer no Iraque e na Síria são vistas como oportunidades de falar de Cristo a outros, e é exactamente isso que vejo a acontecer em todas as nossas igrejas. Que bênção é ver Deus a liderar a Sua Igreja. As igrejas do nazareno da Jordânia e do Líbano estão ansiosas por ministrar aos milhares de pessoas deslocadas e oferecer um exemplo de ousadia e serviço à igreja global.

Kay: Quantas igrejas temos neste momento? Alguma igreja teve de fechar?

Lindell: Hoje há 33 igrejas no Médio Oriente e outros grupos domésticos que se reúnem regularmente. Todas as igrejas têm estado abertas em dias de instabilidade social, porque a adoração e a comunidade são essenciais para a sua existência naquele lugar. Muitas até cresceram e várias realizam cultos extra para acomodar os refugiados.

Kay: A história da Igreja do Nazareno no Médio Oriente ainda está a ser escrita. Ninguém sabe o que o futuro reserva; é provável que Cristo volte antes de haver paz no Médio Oriente. Até então, e apesar de todas as dificuldades e obstáculos que irão enfrentar, a Igreja vai perseverar. Em Deus, eles encontram refúgio, força, coragem e alegria. Ele é a ESPERANÇA de que o mundo precisa.



Pôr Em Prática

1. Pense numa época em que considerou as circunstâncias da sua vida avassaladoras. O que fez para superar esses tempos? Em tempos de redes sociais, temos inúmeras formas de nos conectarmos. Considera isto útil? Ou não?
2. É pouco provável que muitos fora do Líbano conheçam as dificuldades que Abdu Khanashat enfrentou como director da escola durante aqueles anos de guerra civil. Pense na responsabilidade que os educadores têm hoje. Faça uma lista de escolas, professores e administradores na sua área. Ore para que Deus lhes dê sabedoria, força e coragem para cumprirem a responsabilidade que Deus lhes deu.
3. As Escrituras fortaleceram os Browning em tempos de conflitos sociais. Faça uma lista com os versículos que o fortalecem em situações que estão fora do seu controlo. Permita que sejam um lembrete pessoal da fidelidade de Deus, mas também que sejam parte da sua história, quando a partilha com outros.
4. Tem amigos ou conhecidos de outra religião? O que sabe sobre essa religião que o possa ajudar a iniciar uma conversa com eles? Mesmo que não conheça ninguém, tire algum tempo para aprender sobre outra religião e ore por oportunidades para conhecer alguém daquela fé.
5. Porque é que a reconciliação é importante para crescermos como cristãos? A reconciliação pode ser entre indivíduos ou grupos. Ao

longo da história, actos horríveis de violência foram infligidos a outras pessoas em nome da religião; incluindo no cristianismo. Hoje, com tanta divisão por causa das diferenças políticas, os crentes têm de se reconciliar uns com os outros. Que coisas podemos fazer para que isso aconteça?

6. Se houver refugiados ou imigrantes na sua área de residência, como poderia ajudá-los? De que formas pode ajudar os refugiados em todo o mundo?
7. O ministério de rádio da Missão Mundial foi, em tempos, o principal meio de divulgação. Hoje temos novas maneiras de comunicar o evangelho. Que meios temos disponíveis hoje em dia? Quais são as vantagens e desvantagens de cada um?
8. Muitos cristãos vivem em lugares onde enfrentam perseguição e discriminação. Faça um esforço para se manter informado sobre as situações que enfrentam e ore especificamente pelas suas necessidades.